

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

MARIANA DO ESPÍRITO SANTO ROBSON

**ARTE/EDUCAÇÃO E PROCESSOS CRIATIVOS - A ARTE COMO INSTRUMENTO  
PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO DE EXPRESSÃO: CONEXÕES COM A ARTE  
DE VINCENT VAN GOGH**

São Luís – MA

2021

MARIANA DO ESPÍRITO SANTO ROBSON

**ARTE-EDUCAÇÃO E PROCESSOS CRIATIVOS - A ARTE COMO INSTRUMENTO  
PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO DE EXPRESSÃO: CONEXÕES COM A ARTE  
DE VINCENT VAN GOGH**

Trabalho apresentado como requisito para a  
conclusão da graduação do curso de Licenciatura  
em Artes Visuais na Universidade Federal do  
Maranhão – UFMA – Campus Bacanga  
Departamento de Artes  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Viviane Moura da Rocha

São Luís – MA  
2021

MARIANA DO ESPÍRITO SANTO ROBSON

**ARTE-EDUCAÇÃO E PROCESSOS CRIATIVOS - A ARTE COMO INSTRUMENTO  
PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO DE EXPRESSÃO: CONEXÕES COM A ARTE  
DE VINCENT VAN GOGH**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito para a conclusão da graduação de  
Licenciatura em Artes Visuais na Universidade  
Federal do Maranhão – UFMA – Campus Bacanga  
Departamento de Artes  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Viviane Moura da Rocha

Aprovado em 23 de Setembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Isabel Mota Costa  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dra. Luisa Maria Pereira Osório da Fonseca  
Universidade Federal do Maranhão

## **Dedicatória**

À minha mãe Érika, por ter batalhado incansavelmente para que eu pudesse chegar até aqui, por todo o seu amor genuíno, por cada lágrima minha que secou em tantos momentos que pensei que não conseguiria, por se manter ao meu lado me dando todo o suporte que precisei nesta etapa, por todas as lutas que enfrentamos juntas. Tenha a certeza de que talvez essa vitória seja ainda muito mais sua do que minha.

Ao meu irmão e afilhado Bryan Azevedo, por ter vibrado tanto por mim, dedico este trabalho como incentivo para que nunca perca o gosto pelo conhecimento, e para que no futuro também estejamos a vibrar por você em todas as suas conquistas.

À memória de minha avó Verônica, que esperava ansiosamente junto comigo pela conclusão desta etapa, mas infelizmente fez sua passagem em meio ao desenvolvimento deste trabalho, dedico-a esta e todas as minhas futuras conquistas, pois quem amamos nunca morrerá desde que estejam vivos em nossos corações.

Dedico-os com todo o meu amor.

## Agradecimentos

Primeiramente reverencio o Universo, as forças superiores que me guiam, a minha amada mãe Hécate e a todos os meus ancestrais que fizeram possível a minha existência neste espaço e tempo presentes.

Agradeço à minha mãe Érika Castelo Branco por ter sido minha maior incentivadora nesta e em tantas etapas já concluídas anteriormente em minha vida, por sua confiança inesgotável em meu potencial, por todo o amor que nutre meu espírito e me dá forças para continuar sempre e me leva a atingir voos ainda mais altos.

À minha avó Maria Verônica Castelo Branco, meu querido padrasto Carlos Alberto de Andrade, meus bisavós Nilde Castelo Branco e Arly Melo, que em vida tanto me incentivaram e se orgulharam de todas as minhas conquistas escolares, acadêmicas e certamente gostariam de presenciar esta etapa, lhes agradeço e peço que me permitam lhes orgulharem de onde estiverem.

À minha madrinha Renata Mouchreck, por ser minha grande inspiração e referência profissional, pelo enorme incentivo durante toda a minha trajetória acadêmica, por todo o amor, dedicação e por sempre acreditar e impulsionar meus sonhos.

À tia Goretti Castelo Branco, por todo o apoio, incentivo, amor e carinho que nem os 2.026,1 km que nos distanciam foram capazes de impedir que chegassem até mim.

Ao Odara, meu companheiro e guardião incansável de todas as horas, que esteve dia e noite comigo em todas as etapas da escrita deste trabalho, agradeço por todo o suporte emocional e amor incondicional que só os animais sabem nos dar.

À todos os professores que já passaram por minha vida, por todos os conhecimentos mediados e repassados, por me inspirarem a ser um deles, acreditando no poder transformador da educação, minha eterna gratidão.

À minha amada Universidade Federal do Maranhão, agradeço pela oportunidade de hoje, com muito orgulho poder dizer que sou filha desta mãe, que me ensinou na prática que “A vida é combate”, pois por muitas batalhas passei para chegar até aqui.

À todos os meus queridos professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais, por me possibilitarem construir essa etapa da minha história enquanto profissional e ser humano, pois os conhecimentos e trocas obtidos durante a graduação perpassam níveis intelectuais e me engrandeceram imensamente enquanto pessoa.

À querida Prof<sup>a</sup> e amiga Hellen Rose, que me mostrou a arteterapia pela primeira vez, plantando essa semente que germinou com muito amor e levarei sempre em meu coração.

Ao Grupo de Pesquisa GEPIARTE - UFMA por todas as trocas obtidas por meio de nossos encontros, os quais agregaram imensamente esta pesquisa.

À maravilhosa Prof. Dra. Kaciana Rosa por todo o apoio, pelos materiais bibliográficos que tanto me auxiliaram neste trabalho e por acreditar em meu potencial com muito carinho.

Por fim, mas não menos importante, à minha querida orientadora Prof. Dra. Viviane Moura da Rocha, por toda a paciência e dedicação neste trabalho, por caminhar ao meu lado e embarcar comigo em uma das etapas mais importantes da minha carreira acadêmica, por todo o suporte que possibilitou a conclusão desta pesquisa feita em momentos tão delicados de nossas vidas, agradeço por não soltar a minha mão e acreditar em mim.

Sobretudo, agradeço a todos os amigos e pessoas amadas que torceram e vibraram junto comigo para que esta etapa fosse concluída, por cada contribuição, por todo o apoio emocional e incentivo, muito obrigada!

*“Fazer arte, atento a um todo maior a que ela nos transporta, é chegar a ter contato direto com a alma cósmica. Essa sintonia se concretiza em formas, símbolos, em soluções que nos são inesperadas, na intuição e na inspiração, na sincronicidade, na transmutação do ser para o “vir a ser”. É sentir a presença do divino e da natureza, que se manifesta pela arte.”*

*Iraci Saviani*

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”*

*Carl G. Jung*

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo abordar as questões que envolvem o ensino de artes e a utilização das práticas artísticas como ferramenta pedagógica e terapêutica no âmbito escolar, de modo a incorporar diversas áreas do conhecimento como artes, psicologia e estética, sendo dessa maneira, uma pesquisa interdisciplinar. Também tem como função atuar na melhoria da saúde mental e emocional dos educandos que sofrem de transtornos como a ansiedade e depressão, abusos, traumas e processos conflitantes em geral. Para investigar a relação entre saúde mental e emocional com os processos criativos e o fazer artístico foram utilizados alguns exemplos da História da Arte, com enfoque na vida e obra de Vincent Van Gogh, artista fio condutor deste trabalho. Dessa forma, a metodologia utilizada para embasar esta pesquisa foi a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, contemplando todas as etapas de fruição da arte, possibilitando assim, expandir seus potenciais criativos e expressivos, levando o educando a conhecer mais de si mesmo e do mundo ao seu redor, afetando de maneira significativa os campos motores, cognitivos, afetivos e sensíveis, auxiliando-os no enfrentamento de problemas e situações conflitantes, tornando o ensino mais proveitoso e significativo, atingindo positivamente também sua vida social e autoestima.

Palavras chave: Artes; Arte-educação; Arteterapia; Van Gogh; Educação; Oficinas criativas; Processos criativos.

## ABSTRACT

The main goal of this research is to approach the issues related to the usage of artistic practices on arts teaching as pedagogical and therapeutic instruments at school through the interdisciplinarity between arts, psychology, and aesthetic. Furthermore, these practices have the role of improving mental and emotional health of students that suffer with disorders, such as anxiety, depression, trauma, and other conflicting processes. To conduct this research, the life and work of the artist Vincent Van Gogh were used as examples of the history of arts to investigate the relationship between mental and emotional health with creative processes and artistic expressions. Therefore, the methodology chosen for this research is based on the triangular approach created by Ana Mae Barbosa, including all steps of arts fruition, and thus, expanding creative and expressive potentials to make students know more about themselves and the world around, which meaningfully affects aspects like motricity, cognition, affection, and sensitivity, aiding them when facing problems and conflicting situations, turning the process of teaching more profitable, meaningful, and positively affecting their social life and self-esteem.

Keywords: Arts; Art-education; Art Therapy; Van Gogh; Education; Creative Workshops; Creative Processes.

## LISTA DE IMAGENS

- Figura 1 - "A noite estrelada" (1889)** 27  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 2 - detalhes (nuvens e pinceladas)** 28  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 3 - Detalhes (céu)** 28  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 4 - Detalhes (estrela)** 29  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 5 - Detalhes (lua)** 29  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 6 -Detalhes (montanhas)** 30  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 7 – Detalhes (Vilarejo e Igreja)** 30  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 8 - Detalhes (Cipreste)** 31  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 9 - Detalhes (arbustos)** 31  
FONTE: VAN GOGH. La nuit étoilée, 1889, óleo sobre tela. 73x92cm – Museum of Modern Art (MOMA) NY/EUA. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/the-starry-night-vincent-van-gogh/bgEuwDxel93-Pg?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021
- Figura 10 - "Campo de trigo com corvos" (1890)** 34  
FONTE: VAN GOGH. Wheatfield with crow, 1890. Óleo sobre tela 50,5x103cm – Van Gogh Museum. Disponível em < <https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR>> Acesso em 15/06/2021

<b>Figura 11 - Detalhes (céu)</b>	<b>35</b>
FONTE: VAN GOGH. Wheatfield with crow, 1890. Óleo sobre tela 50,5x103cm – Van Gogh Museum. Disponível em < <a href="https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR">https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR</a> > Acesso em 15/06/2021	
<b>Figura 12 - Detalhes (corvos)</b>	<b>35</b>
FONTE: VAN GOGH. Wheatfield with crow, 1890. Óleo sobre tela 50,5x103cm – Van Gogh Museum. Disponível em < <a href="https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR">https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR</a> > Acesso em 15/06/2021	
<b>Figura 13 - Detalhes (campo de trigo)</b>	<b>36</b>
FONTE: VAN GOGH. Wheatfield with crow, 1890. Óleo sobre tela 50,5x103cm – Van Gogh Museum. Disponível em < <a href="https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR">https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR</a> > Acesso em 15/06/2021	
<b>Figura 14 - Detalhes (trigo)</b>	<b>36</b>
FONTE: VAN GOGH. Wheatfield with crow, 1890. Óleo sobre tela 50,5x103cm – Van Gogh Museum. Disponível em < <a href="https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR">https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR</a> > Acesso em 15/06/2021	
<b>Figura 15 - Detalhes (caminhos)</b>	<b>36</b>
FONTE: VAN GOGH. Wheatfield with crow, 1890. Óleo sobre tela 50,5x103cm – Van Gogh Museum. Disponível em < <a href="https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR">https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew?hl=pt-BR</a> > Acesso em 15/06/2021	
<b>Figura 16 - "O Grito" (1893)</b>	<b>39</b>
FONTE: MUNCH. The Scream, 1893. Têmpera e pastel oleoso sobre cartão 91x73,5 cm – Galeria Nacional de Oslo. Disponível em < <a href="https://artsandculture.google.com/asset/the-scream-edvard-munch/eQFdRtFKDtVQ1A?hl=pt-BR">https://artsandculture.google.com/asset/the-scream-edvard-munch/eQFdRtFKDtVQ1A?hl=pt-BR</a> > Acesso em 20/06/2021	
<b>Figura 17 - "Narcissus Garden" (1966)</b>	<b>41</b>
FONTE: KUSAMA. Narcissus Garden. Performance, 1966 Veneza. Disponível em < <a href="https://pt.scribd.com/document/225347848/Catalogo-Kusama">https://pt.scribd.com/document/225347848/Catalogo-Kusama</a> > Acesso em 30/06/2021	
<b>Figura 18 - "Yellow Dots B" (1993)</b>	<b>41</b>
FONTE: KUSAMA. Yellow Dots B, 1993. Acrílico sobre papel machê e madeira 68.6x 61x10.2 cm - MAXXI National Museum of XXI Century Arts - IT. Disponível em < <a href="https://pt.scribd.com/document/225347848/Catalogo-Kusama">https://pt.scribd.com/document/225347848/Catalogo-Kusama</a> > Acesso em 30/06/2021	
<b>Figura 19 - Monotipia</b>	<b>55</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 20 - Monotipia</b>	<b>55</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 21 - Releitura de obra</b>	<b>56</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 22 - Cologravura</b>	<b>57</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 23 - Mandala em E.V.A</b>	<b>57</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 24 - Assemblagem com materiais orgânicos</b>	<b>58</b>
FONTE: Arquivo pessoal	

<b>Figura 25 - Fotocolagem "Borboleta" (2021)</b>	<b>59</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 26 - Fotocolagem "Linha da vida" (2021)</b>	<b>60</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 27 - Fotocolagem "Vó" (2021)</b>	<b>61</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 28 - Criação de personagens (Imagem autorizada)</b>	<b>62</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 29 - Criação de personagens (Imagem autorizada)</b>	<b>62</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 30 – Modelagem</b>	<b>63</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 31 - Modelagem</b>	<b>63</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 32 - Utilização de tintas</b>	<b>64</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 33 - Criação de Mandalas</b>	<b>64</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 34 - Fantoques (Imagem autorizada)</b>	<b>65</b>
FONTE: Arquivo pessoal	
<b>Figura 35 - Colagem com grãos</b>	<b>66</b>
FONTE: Arquivo pessoal	

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1 – A ARTE COMO POSSÍVEL RECURSO PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO DE EXPRESSÃO NO ÂMBITO EDUCACIONAL, VISANDO O ENFRENTAMENTO DE QUESTÕES COMO ANSIEDADE, BULLYING, ABUSOS E DEPRESSÃO.</b>	13
1.1: A arte como recurso terapêutico: Um breve percurso histórico	13
1.2: A arte e suas funções	17
1.3: Jung e a educação	19
1.4: A arte como ferramenta pedagógica e terapêutica na educação	21
<b>2 – A ARTE DE VINCENT VAN GOGH SOB UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA E TERAPÊUTICA</b>	23
2.1: Vincent Van Gogh – Vida e obra: A arte como expressão dos sentimentos, emoções e autoterapia	23
2.2: Leitura das obras de Van Gogh a partir do método Iconológico e Iconográfico	26
2.3: Leitura de obra: “A noite estrelada” (1889)	27
2.3.1: Descrição pré-iconográfica – “A noite estrelada” (1889)	28
2.3.2: Análise iconográfica – “A noite estrelada” (1889)	32
2.3.3: Análise Iconológica – “A noite estrelada” (1889)	32
2.3.4: Interpretação da obra – “A noite estrelada” (1889)	33
2.4: Leitura de obra: “Campo de trigo com corvos” (1890)	34
2.4.1: Descrição pré-iconográfica – “Campo de trigo com corvos” (1890)	34
2.4.2: Análise iconográfica – “Campo de trigo com corvos” (1890)	37
2.4.3: Análise iconológica – “Campo de trigo com corvos” (1890)	37
2.4.4: Interpretação da obra – “Campo de trigo com corvos” (1890)	38
<b>3 - ARTE/EDUCAÇÃO E OFICINAS CRIATIVAS: A ARTE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E TERAPÊUTICA DE EXPRESSÃO NAS ESCOLAS</b>	42
3.1: Metodologias e abordagens do ensino das artes – A educação artística e sua importância no desenvolvimento educacional e cultural	43
3.2: Arte/educação e criatividade	46
3.3: A arte enquanto recurso pedagógico e terapêutico como possíveis meios para o enfrentamento de questões como <i>bullying</i> , depressão e violência no âmbito escolar	48
3.4: Oficinas criativas – Funções e aplicabilidade no ensino das artes	51
3.5: Oficinas criativas – Suportes, materiais, técnicas e recursos expressivos	53
3.5.1: A importância dos materiais e símbolos	53
3.5.2: Os diferentes tipos de técnicas e materiais: Propostas de atividades	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	68
<b>REFERÊNCIAS:</b>	70
<b>ANEXO – PLANO DE CURSO</b>	73

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a arte/educação e os processos criativos, apresentando a arte como metodologia pedagógica e terapêutica, estabelecendo sua relação com a arte de Vincent Van Gogh e seu contexto de produção de modo a utilizá-lo como fio-condutor para as questões teóricas investigadas.

O problema originado a partir de seu desenvolvimento foi o de investigar de que maneira a arte poderia ser utilizada como um recurso pedagógico e terapêutico de expressão, relacionando-se com a arte de Van Gogh.

Portanto, apresentam-se como possíveis soluções para as questões originadas: investigar a arte como um possível recurso pedagógico e terapêutico de expressão no âmbito educacional, visando o enfrentamento de problemas como a ansiedade, bullying, abusos, depressão, entre outros; Analisar as obras de Vincent Van Gogh como caminho para as questões teóricas investigadas, a fim de demonstrar as relações entre elas; Criação e implementação de oficinas criativas com a utilização de materiais diversos como metodologias possíveis a fim de demonstrar sua aplicabilidade.

Tais problemas conflitantes mencionados anteriormente como a depressão foram determinantes para o desenvolvimento desta pesquisa, mediante o quantitativo de alunos que têm cada vez mais apresentado tais problemas dentro das instituições de ensino. Dessa maneira, a arte se apresenta como um instrumento de expressão não verbal, favorecendo o autoconhecimento, a liberdade e a transmissão de mensagens por meio da linguagem simbólica.

Utilizando a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa, a presente pesquisa utiliza tal abordagem para propor atividades que envolvam todas as formas de fruição artística, envolvendo os processos criativos por meio de oficinas de arte como recursos pedagógicos e terapêuticos, possibilitando ao aluno o contato com diversas técnicas e materiais, ampliando suas capacidades organizacionais, motoras e culturais, permitindo que dessa forma, possa se expressar de maneira livre, a fim de liberar possíveis tensões, emoções e sentimentos tornando assim, a arte um recurso não só pedagógico, mas também terapêutico.

Sendo assim, esta pesquisa objetiva-se a contribuir dentro da sociedade, utilizando a arte em sala de aula como uma ferramenta libertadora possibilitando uma abertura para inúmeros universos dentro de cada um, promovendo o autoconhecimento, explorando habilidades, criando vínculos e possibilitando o aluno a exercer seus processos criativos em todas as suas potencialidades.

## **1 – A ARTE COMO POSSÍVEL RECURSO PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO DE EXPRESSÃO NO ÂMBITO EDUCACIONAL, VISANDO O ENFRENTAMENTO DE QUESTÕES COMO ANSIEDADE, BULLYING, ABUSOS E DEPRESSÃO.**

Este capítulo tem como objetivo apresentar a arte como um possível recurso pedagógico e terapêutico de expressão tanto no ensino infantil, fundamental e médio, visando o enfrentamento de questões como a ansiedade, *bullying*, abusos, depressão, entre outros problemas presentes nas escolas, apresentando um breve percurso histórico da arteterapia, das funções da arte relativas a este tema e alguns dos principais teóricos desta abordagem.

### **1.1: A arte como recurso terapêutico: Um breve percurso histórico**

Desde o início da história da humanidade, o homem busca meios de se expressar, comunicar e registrar suas experiências, sendo no princípio, por meio de linguagens não verbais, podendo ser observadas nas paredes de cavernas pré-históricas com desenhos de bisões e representações de caçadas, sendo estes, alguns dos primeiros registros de toda a experiência humana.

A criatividade está diretamente ligada à sensibilidade dos seres, sendo inata à constituição do ser humano, nos acompanhando desde o nascimento. Sendo o homem um ser composto de fatores biológicos e culturais, os quais estão permanentemente interligados, se estabeleceu na sociedade como tal por ter a percepção de utilizar a criatividade a seu favor. Isso se mostra claramente ao observar que o homem primitivo buscava os materiais mais adequados disponíveis ao seu redor para diferentes funções, como o exemplo das pedras lascadas, utilizadas para a caça, perfuração de peles e carnes. (OSTROWER, 1987)

A Antroposofia, doutrina místico/filosófica criada pelo filósofo, educador e artista Rudolf Steiner (1861 – 1925) no início do séc. XX, conceitua o homem como um ser constituído de espírito e corpo físico, sendo o impulso criativo e a realização do fazer artístico, uma conexão com os arquétipos da criação e às leis da natureza, proporcionando o reencontro com sua própria essência criadora, que pode ter se perdido por diferentes causas ao longo de seu desenvolvimento. A partir da concepção Antroposófica, a criação artística começou a ser utilizada com viés terapêutico, como um instrumento de expressão, podendo ser traduzida por meio da disposição espacial dos elementos, símbolos, cores e formas, de modo a identificar possíveis conflitos internos e promover dessa maneira, melhorias significativas a partir do encontro com este mundo simbólico. (LANZ, 1997)

Steiner fundou também a Pedagogia Waldorf, sendo um modelo de ensino mais livre, que busca ampliar os conceitos de educação, para além da transmissão de conhecimentos. Visa compreender as diferentes esferas do educando como uma totalidade, unindo sensibilidade, respeito, intelecto, arte e cultura, promovendo dessa maneira, o desenvolvimento integral do ser humano, conforme conceitua a SAB (Sociedade Antroposófica Brasileira)<sup>1</sup>.

Tudo o que somos capazes de realizar artisticamente só se tornará algo sublime quando pudermos fazê-lo afluir para a Arte maior, na qual não nos é entregue um material artístico morto como argila e cor: nela nos é entregue de forma inacabada o ser humano vivo, que devemos transformar até certo grau, de maneira artística e educativa, num ser humano completo. (STEINER, 2015, p. 3)

As pesquisas na área da arte como recurso terapêutico deram continuidade de maneira aprofundada no final do séc. XX, com teóricos como Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra, psicoterapeuta e espiritualista suíço, considerado o pai da psicologia analítica<sup>2</sup>.

De acordo com o pensamento de Jung, muito antes do homem dizer “eu penso”, já haviam processos internos acontecendo em sua mente, o qual denomina de consciente, sendo este, fruto do inconsciente. (JUNG, 2012)

Esta visão vai de encontro com as afirmações do filósofo inglês John Locke (1632-1704), que considera que nascemos como uma tábula rasa, sem qualquer vestígio de nossos antepassados, ao contrário de Jung, que diz: “[...] o inconsciente é influenciado nos mais altos graus por predisposições herdadas, abrangendo a vida psíquica de nossos ancestrais desde os períodos mais remotos”. (JUNG, 2012 §283)

Assim, toda a história da humanidade está contida em nós, sendo cada indivíduo, pequenos fragmentos e extensões de nossos ancestrais e toda a história do mundo. Sendo cada um, parte do todo e o todo, contido em nós. Dessa forma, a partir das informações presentes em nosso inconsciente, unidas às experiências vivenciadas, podemos nos reconhecer e identificar com estas noções de mundo, realizando assim, o que Jung chama de processo de individuação. (JUNG, 2012)

Ainda segundo Jung, “Tudo o que será, acontece à base daquilo que foi e que ainda é, consciente ou inconscientemente, um traço da memória”. (JUNG, 2012, § 499)

O autor tem esse primeiro contato com o que denominou de “arquétipos do inconsciente coletivo” através de criações de mandalas feitas por seus pacientes psicóticos. Em sua obra

---

<sup>1</sup> SAB – Sociedade Antroposófica Brasileira. Disponível em: <<http://sab.org.br/portal/>> Acesso em: 25/05/2021

<sup>2</sup> Ramo da psicologia que tem como objetivo trabalhar o desenvolvimento da personalidade no nível do inconsciente, onde os complexos e personalidades já existentes na psique podem se manifestar em alucinações, sonhos ou transes. (JUNG, 2016)

“Arquétipos do Inconsciente coletivo” (2012), Jung nos traz o conceito de Mandala: “Mandala, em sânscrito, significa círculo. Este termo indiano designa desenhos circulares rituais.” (JUNG, 2012 § 629)

Segundo ele, no momento em que são realizados desenhos de mandalas, das quais geralmente compõem conjuntos de símbolos e padrões abstratos, a representação desses elementos imagéticos podem refletir processos internos, contidos em camadas mais profundas da mente, não sendo óbvio para o indivíduo que a criou, podendo expressar assim, questões inconscientes. Ainda que existam inúmeras variações de mandalas, todas possuem a presença da forma circular, que conforme diz Jung, é a representação de si mesmo, ainda que de maneira inconsciente. Essa manifestação não intencional, pode ser observada como o desejo de tornar-se o que se é, exercendo assim, o processo de individuação. (JUNG, 2012)

No Brasil, outros dois nomes têm forte influência nas questões que relacionam a arte como recurso terapêutico, sendo eles: Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), ambos médicos psiquiatras. Contribuíram igualmente para as práticas artísticas de cunho terapêutico em espaços clínicos, que viriam a substituir métodos antes utilizados com pacientes psicoterápicos, como a lobotomia, eletrochoque e coma insulínico. (REIS, 2014)

Segundo Arnheim (1989, p.265): “A abordagem prática do terapeuta não tem início na arte, mas começa com as necessidades dos pacientes, com seres humanos em dificuldades.”

A partir dessa abordagem com a utilização da arte como método terapêutico de expressão do inconsciente, Silveira tem forte influência de Jung, tendo compartilhado também algumas experiências por meio de cartas, conforme diz Silveira em sua obra “O Mundo das Imagens” (SILVEIRA, 2001)

Silveira foi amplificando essas noções e as compreendendo através de experimentos com seus pacientes em oficinas terapêuticas que criou dentro do hospital psiquiátrico onde trabalhava, por meio de atividades artísticas, onde pôde observar resultados impressionantes dentro de suas criações, possibilitando um olhar mais humanizado, através de uma prática sensível e prazerosa aos seus pacientes, diferente dos métodos dolorosos e torturantes utilizados anteriormente. Embora a prática exercida por Nise da Silveira seja considerada arteterapia, a médica se manteve relutante quanto ao uso do termo para designar seu trabalho, tendo utilizado por muito tempo o título de “terapia ocupacional”, considerando que para ela, a palavra arte carregava atribuições de valor estético, das quais não buscava obter com seus pacientes. (SILVEIRA, 2001)

No Brasil, Silveira deu continuidade à estas práticas, na qual utilizava diversas linguagens artísticas, como a pintura, o desenho, a escultura e criações literárias, onde obteve grande

sucesso. Dentro das oficinas foram descobertos talentos que se destacaram em suas produções, como Emygdio de Barros (18895 – 1986) e Adelina Gomes (1916 – 1984). Tais produções se deram de maneira tão intensa que em 1952, Nise criou o Museu de Imagens do Inconsciente – RJ, local destinado à preservação das imagens obtidas em suas oficinas criativas, como objetos de estudo e documentos de pesquisa para compreender de forma aprofundada os universos inconscientes de pacientes psicoterápicos, utilizando suas criações como meios de identificação de processos conflitantes, traumas e meios de liberar suas emoções reprimidas. (SILVEIRA, 1981)

A arteterapia em si, é conceituada pela UBAAT (União Brasileira de Associações em Arteterapia)<sup>3</sup> como a utilização da arte como base terapêutica, visando obter melhorias em um breve espaço de tempo, sendo um conjunto de práticas e abordagens que permitem a amplificação do campo simbólico, como um recurso expressivo não verbal, tendo como prioridade os processos e não o objeto final.

Exemplifica Jung (2012, §168): “Importa menos uma descrição tecnicamente ou esteticamente satisfatória, do que deixar o campo livre à fantasia, e que tudo se faça do melhor modo possível.”

Desde então, a arteterapia vem sendo utilizada em diferentes âmbitos, tendo atualmente, uma formação específica, sendo o profissional formado na referida área, o Arteterapeuta.

Este profissional, por sua vez, a partir da leitura simbólica das criações artísticas do indivíduo, poderá buscar meios mais eficazes e instrumentalizar-se para ser um facilitador no encontro de soluções para seus conflitos, que podem não se manifestar de maneira explícita. (CIORNAI, 2005)

Diz Coutinho (2007, p.24): “Mas nem sempre a criança tem acesso a uma capacidade de elaboração tão complexa, que lhe permita comunicar-se verbalmente de forma clara. Por vezes, é necessário fornecer-lhe outros instrumentos para que nos diga o que está sentindo.”

Tais práticas de arte como método terapêutico tem sido encontradas cada vez mais em espaços educacionais, clínicos, oficinas, centros de acompanhamento e reabilitação, podendo ser utilizadas com todos os públicos, de diferentes idades, de forma coletiva ou individual, mostrando sua aplicabilidade eficaz em diversos segmentos e esferas da sociedade.

---

<sup>3</sup> UBAAT – União Brasileira de Associações em Arteterapia. Disponível em: <<https://www.ubaatbrasil.com/>>  
Acesso em: 26/05/2021

## 1.2: A arte e suas funções

Dentro da Estética e da História da Arte, destacam-se duas principais finalidades e funções da arte, sendo elas: a concepção pedagógica e a expressiva. A função pedagógica da arte está relacionada diretamente à educação moral, ética e estética. A arte como expressão, por sua vez, é considerada como objeto final e não como o meio, trazendo a revelação da essência interior. Sendo um meio para a invenção de novas formas e ferramentas, que nos possibilitam o conhecimento do mundo interno. (CHAUI, 1995)

Ao longo da História, podemos observar diversas funções atribuídas à arte. Inicialmente, ela era vista tendo uma função em si mesma, bastando-se por sua própria existência até meados do séc. XIX, quando passa a ser vista com maior autonomia. (ZAGONEL, 2012)

Em sua obra “O olhar renascente” (1991), o historiador de arte Michael Baxandall (1933 – 2008) mostra a utilização pedagógica da arte na Itália Renascentista. Naquele momento, a representação de histórias bíblicas era muito utilizada pela igreja para catequizar novos fiéis. Mediante o quantitativo de analfabetos, a imagem servia como uma forma de “leitura” universal, por meio dos elementos e símbolos contidos nas pinturas. Dessa maneira, os pregadores davam seus sermões em praças públicas e as obras de arte tinham a função de fixação das passagens bíblicas contadas por eles.

“A pintura deveria contar uma história de maneira clara para os simples e facilmente memorizada para os esquecidos, e com pleno uso de todos os recursos emocionais que oferece o sentido da visão, o mais poderoso e também o mais preciso dos sentidos.” (BAXANDALL, 1991, p.50)

Segundo Heinemann (1993), para a sociologia, a arte é um produto social, que depende do gosto e olhar do artista e de seu público. Já os historiadores, procuram compreender o artista e suas obras de acordo com o contexto histórico em que estão inseridos.

São inúmeras as formas de ver e pensar sobre arte, porém nenhuma delas deve ser compreendida como uma verdade absoluta. A arte, por sua vez, tem diferentes significados e funções em culturas e tempos distintos, podendo ampliar-se de acordo com as diversas visões, experiências e estudos feitos ao longo da história. (HEINEMANN, 1993)

Dentro do contexto escolar, a maioria das crianças demonstram grande entusiasmo em face às aulas de arte e processos de criação artística, diferente dos adolescentes, que já não se mostram tão motivados assim. É comum que desde de o início de sua vida, a criança comece a se expressar naturalmente, principalmente por meio de desenhos e garatujas e ao passo que cria, vai se encantando com suas próprias criações. (BUORO, 2003)

De acordo com Buoro (2003, p. 39), “A representação plástica da criança é parte importante da nossa proposta educacional e passa por todo um processo de registro que nasce na garatuja e vai em direção a um desejo de representação cada vez mais próximo da realidade.”

Porém, ao longo de seu desenvolvimento, vai sendo tolhida em suas expressões por formas pré-estabelecidas pela sociedade como “corretas” e “belas”. É ensinada que o sol, por exemplo, é amarelo, não podendo haver alterações, como uma verdade absoluta. Não permitindo que a criança possa pintar um sol cor de rosa, azul ou verde, sem ser repreendida como errada. (BUORO, 2003)

Dessa maneira, quando reprimidas por suas criações julgadas como imperfeitas, acabam por criar dentro de si mesmas sentimentos de insegurança, sentindo-se incompetentes, principalmente quando a repreensão é feita perante colegas de classe.

Sendo assim, a maioria das crianças acabam por crescerem presas a esses parâmetros impostos e dessa forma, muitas não desenvolvem seus processos de criação, por não acreditarem em seus próprios potenciais criadores, tornando-se adultos inseguros e frustrados. (IAVALBERG, 2013)

Entretanto, Arnheim (1989, p.265) diz: “[...] na verdade, todos estão qualificados para usufruir das artes e possuem a capacidade inata de produzir obras de arte”.

Infelizmente, a partir destes padrões estéticos impostos, é natural que a criança perca a vontade de se expressar por meio de desenhos, pinturas, ou qualquer tipo de manifestação artística, por receio do julgamento dos pais, professores e demais pessoas de seu convívio.

Desse modo, principalmente em nossa contemporaneidade, com acesso às novas tecnologias, os processos de criação manual acabam sendo colocados de lado, pois dificilmente há incentivo dos pais à arte e suas várias formas de expressão. Assim, a criatividade acaba sendo “anestesiada” gradativamente, e é exatamente por esse motivo que a arte se mostra nesse momento como um recurso de transformação. (COUTINHO, 2007)

Na utilização da arte como recurso pedagógico e terapêutico, por se tratar de expressões livres e completamente desligadas de cânones ou padrões estéticos, permite que o indivíduo se sinta à vontade para liberar seus fluxos criativos e dessa maneira, ter acesso à elementos encontrados dentro de si mesmo, pois a arte é, por si só, a expressão do inconsciente, que permite ao indivíduo a expansão de sua própria personalidade. (CIORNAI, 2005)

Dessa forma, a arte designa aqui múltiplas funções, podendo ser simultaneamente uma prática terapêutica ligada à expressividade, criação, liberdade, autonomia e fazer artístico. De acordo com os pressupostos, a inserção da arte como metodologia possível de ensino nas escolas, é obter esse resgate da totalidade que envolve o ser humano e suas dimensões:

cognitiva, afetiva e social, possibilitando uma conexão que reúna a afetividade, razão, emoção, subjetividade, objetividade, sentimento e conhecimento. (FREITAS, 2020)

De acordo com Pillar (1999, p. 84), “A arte é julgada segundo a expressão convincente dos significados da vida e das emoções. Assim, sob essa perspectiva, a arte e a vida estão entrelaçadas e a função da arte é tornar o cotidiano mais significativo e profundo”.

Portanto, a utilização da arte no âmbito educacional se mostra como uma possibilidade de integralização entre os diferentes potenciais do aluno, auxiliando em seu processo de formação plena, ampliando assim, sua percepção artística, cultural, reflexiva e cognitiva.

### **1.3 – Jung e a educação**

Teóricos de diferentes áreas também deram suas contribuições para a educação, unindo-a com suas percepções e visões de acordo com suas especificidades. Carl G. Jung foi um dos nomes que contribuíram para as questões educacionais, relacionando-as à sua visão centrada na psicologia analítica.

Segundo Jung (2012), o professor deve ser muito além de um simples transmissor de conhecimentos, mas uma ponte para que o educando possa encontrar meios de aprender, sendo capaz também de auxiliar no processo de desenvolvimento de sua personalidade.

Ao sair do contexto familiar e adentrar a sala de aula, a criança tende a se adaptar à esse novo ambiente, sendo imprescindível que o professor lhe dê a sensação de alguém confiável, sendo assim, um meio possível para estabelecer uma relação mais firme e com a segurança de que pode expor seus medos, dúvidas e inseguranças sem receio de julgamentos. De acordo com seu pensamento, o tipo de metodologia utilizada pelo educador deve incluir que a criança possa assimilar, ainda que inserida em uma educação coletiva, seja capaz de se desenvolver de maneira individual. (JUNG, 2012)

Jung em sua obra “O desenvolvimento da personalidade” (2012), explicita três tipos de educação, sendo estes: a educação pelo exemplo, educação individual e educação coletiva.

A educação pelo exemplo é uma das, senão a primeira experiência com educação de toda criança: se dá pela imitação. Nas fases iniciais de nossas vidas, temos a tendência em reproduzir o que vemos, como gestos, atitudes, modo de falar, de andar, e principalmente o que os adultos fazem, sem a menor distinção de certo ou errado. Esse tipo de educação é extremamente eficaz, pois acontece de maneira inconsciente, por isso Jung (2012, p.60) afirma que “o bom exemplo é o melhor método de ensino”.

Na educação individual, o professor deve conhecer o educando e suas especificidades, compreendendo quais suas dificuldades e facilidades de aprendizagem, buscando sempre o melhor caminho para que o aluno consiga compreender com eficiência os conteúdos ministrados em classe. Já na educação coletiva, como o nome evidencia, tem o sentido de coletividade, possuindo regras a serem aplicadas em grupos de alunos, tendo assim, uma forma única de transmitir os conhecimentos e conteúdos abordados à toda a turma.

Porém, para que esse processo possa ocorrer de maneira fluida dentro do contexto coletivo, é necessário que o educador se mantenha atento às dificuldades e capacidades individuais de seus alunos, que necessitam ser, antes de tudo, trabalhadas para que dessa forma consigam exercer diferentes tarefas e funções no contexto individual e coletivo. (JUNG, 2012)

Diz Ostrower (1987, p.26): “Ainda que em cada pessoa as potencialidades se realizem em interligação com fatores externos, existem sempre fatores internos que não podemos desconsiderar”.

Assim, o ambiente escolar deve proporcionar uma atmosfera de troca de conhecimentos e conteúdos em diferentes esferas, mas também favorecer os processos de desenvolvimento do próprio ser, levando o educando ao encontro de si mesmo. Dentro do contexto da arte/educação, as vivências artísticas possibilitam formas de aprendizagem tanto à nível individual, quanto à nível coletivo, pois busca ampliar as concepções de mundo, proporcionando novas experiências através da arte e suas múltiplas possibilidades.

Na obra “Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa” (2004), Paulo Freire (2004, p.28) questiona: “[...] Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

Mediante o questionamento de Freire, pode-se observar a produção artística como uma possibilidade em potencial para essa união entre os conhecimentos teóricos e as experiências individuais dos alunos, podendo ser executada de diferentes maneiras, conforme a aproximação ou distanciamento do aluno com os mais diversos tipos de materiais e linguagens artísticas. Nesse momento, o papel do professor é mediar os processos, deixando-o livre para se expressar.

Segundo Jung, criar e nos expressar por meio dos símbolos, é o que nos torna humanos. Sendo assim, ao unir ensino teórico de artes com a prática artística de forma terapêutica, o professor estaria possibilitando além dos conhecimentos teóricos, a livre criação e expressão por meio de linguagem simbólica, tornando-se um facilitador para os processos de ampliação do autoconhecimento, sendo uma prática possível a todos, pois para Jung, a criatividade é um instinto humano. (JUNG, 2012)

O fazer criativo sempre estará carregado da subjetividade de quem o exerce, e a expressará em plenitude através dos diversos símbolos empregados nas imagens que surjam. [...] As construções e criações reveladas constituem-se em meios de autoconhecimento que, bem compreendidos, podem auxiliar no desenvolvimento do ser. (COUTINHO, 2007, p. 44)

#### **1.4: A arte como ferramenta pedagógica e terapêutica na educação**

O ensino das artes nas escolas se mostra cada vez mais necessário, pois diferente de outros componentes curriculares que têm a tendência a ter um ensino-aprendizado mais rígido e sisudo, conforme diz Ciornai (2005), a arte permite que o aluno possa além de conceber o ensino teórico, tenha a possibilidade de se expressar artisticamente, tornando o processo de ensino mais dinâmico e interessante, relacionando os conteúdos apreendidos à suas impressões individuais, atuando criativamente.

Para que o ensino de artes possa ocorrer de maneira plena, é imprescindível que o arte-educador tenha repertórios suficientes para possibilitar uma compreensão da arte à nível cultural, artístico e social, nacional e internacionalmente. É também papel do professor de arte educar o olhar do aluno para que possa apreciar uma obra a partir de seus valores estéticos, culturais e artísticos, sendo um dos responsáveis para a construção de um olhar sensível, prático e teórico das artes. (FUSARI, 2001)

De acordo com o pensamento de Ostrower (1987), os processos de criação artística dentro do ensino das artes relacionam-se diretamente com esses eixos sensíveis, pois a sensibilidade é inerente a todo os seres, podendo se manifestar de diferentes formas e intensidades.

Dessa maneira, a arte se mostra como uma ferramenta possível a ser inserida no contexto de ensino como um instrumento além de teórico e prático, também terapêutico, por compreender diferentes âmbitos do ser humano, unindo intelecto, cultura, sensibilidade e fruição artística.

A prática como recurso terapêutico tem raízes na esfera clínica, porém sua utilização nos espaços educacionais tem se mostrado grande aliada para os processos de ensino-aprendizagem, além de estabelecer uma relação transformadora entre educador e aluno, sendo o professor, um estimulador nos processos naturais de livre expressão de seus educandos, auxiliando-os na construção do conhecimento das linguagens artísticas, ampliando seus repertórios acerca de si mesmos e do mundo ao seu redor, por meio de exercícios reprodutivos, narrativos e descritivos. (BUORO, 2003)

“A criação artística traz a potência da expressão por inteiro, sendo o alicerce de uma aprendizagem que não parte simplesmente de uma crítica ao modo de ser atual do educador, mas vai às suas raízes como ser humano, respeitando sua experiência ao mesmo tempo que o convida a viver situações que nunca teve a oportunidade de viver anteriormente.” (CIORNAI, 2005, p. 82)

Ao produzir artisticamente, o aluno nos dá a oportunidade de compreendermos mais sobre ele mesmo durante todo o processo de criação, desde a forma como se relaciona com os materiais e a técnica escolhida, até o resultado final e como se relaciona com ele, diz Coutinho (2007).

Nesse processo é necessário deixar claro que o mais importante não é a produção de obras “bonitas” ou com técnicas aprimoradas, mas que possam expressar sentimentos e impressões internas, revelando assim, criações autênticas do processo de autoconhecimento.

Para Arnheim (1989), a representação das imagens não ocorre na arte em suas formas reais, buscando a aproximação da realidade, mas sim como essas imagens se manifestam e tocam os sentidos, sentimentos e emoções de quem irá produzi-las. Completando este pensamento, Heinemann (1993), diz que nesse momento, o criador é tomado por algo maior que tem a necessidade de se manifestar.

Sendo assim, o fazer artístico não está ligado somente ao ato de exercer funções artísticas manuais, como por exemplo, na pintura, escultura ou desenho, e sim atreladas também a questões intelectuais, sensíveis e emocionais. Exemplifica Monteiro (2009, p.31): “O trabalho com canais, como as expressões plástica e corporal, a música, a literatura e as artes cênicas, transforma a arte em um meio facilitador, que confere uma manifestação visível ao afeto”.

De acordo com os pressupostos, o papel da arte como ferramenta terapêutica em sala de aula se apresenta como um recurso promissor nos processos de ensino-aprendizagem, por unir além da abordagem educacional, áreas afetivas, sociais e sensíveis, promovendo dessa maneira, a integralização total do ser humano, possibilitando uma experiência dinâmica e enriquecedora aos educandos, desenvolvendo funções de conhecimento teórico e artístico, criatividade e autoestima, de forma que auxilie-os a superar situações de conflitos internos e liberar suas emoções.

Portanto, tais dinâmicas mencionadas mostram-se como recursos possíveis para unir-se ao ensino da História da Arte, por meio de apresentação e estudo sobre artistas, leitura e análise de obras, conforme será exposto no capítulo seguinte, de modo a promover aos alunos a ampliação de repertórios artísticos e estéticos, trazendo inspiração para que suas expressões se deem de maneira fluida.

## **2 – A ARTE DE VINCENT VAN GOGH SOB UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA E TERAPÊUTICA**

O presente capítulo visa apresentar o artista Vincent Van Gogh (1853 – 1890) e suas produções como fio condutor para as questões teóricas abordadas nesta pesquisa, estabelecendo relações entre sua arte e seus processos criativos, mediante estudo biográfico, leitura e interpretação de algumas de suas pinturas. Outros artistas também foram utilizados como referência para tais questões em diferentes momentos da história da arte.

### **2.1 – Vincent Van Gogh – Vida e obra: A arte como expressão dos sentimentos, emoções e autoterapia**

Segundo Martin Heidegger (2010), para que possamos compreender as obras de arte em sua totalidade, se faz necessário também ter conhecimento sobre o artista por trás das criações, para observar sua arte para além da pura concepção estética, técnica e artística, pois segundo ele, artista e sua criação são indivisíveis, onde um compõe o outro, simultaneamente. Para exemplificar esta afirmação, diz o autor:

“O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Do mesmo modo também nenhum dos dois porta sozinho o outro. Artista e obra são em-si e em sua mútua referência através de um terceiro, que é o primeiro, ou seja, através daquilo a partir de onde artista e obra de arte têm seu nome, através da arte.” (HEIDEGGER, 2010, p.47)

Vincent Willem Van Gogh nasceu em Zundert, província da Holanda, em 30 de março de 1853, sendo assim, o mais velho de seus seis irmãos. Tinha o costume de passar várias horas sozinho desde pequeno, sendo um grande observador e apreciador de todo o universo que o cercava, principalmente as plantas e a natureza.

O hábito de fazer longas caminhadas observando os campos era um de seus passatempos favoritos, o que mais tarde utilizou como inspiração para muitas de suas pinturas. Seu envolvimento com a arte se iniciou aos dezesseis anos, quando seu tio Vincent, negociante de arte, o ofereceu um emprego em uma filial da Casa Goupil, famosa galeria de arte da Europa, chegando a ser transferido para Londres, onde passou a frequentar outros museus e galerias de arte e também a produzir desenhos a partir da apreciação de paisagens.

Permaneceu por pouco tempo no cargo, que o fez retornar à casa de seus pais. Tentou se manter em diversos empregos, e por muito tempo tentou ser pastor, como seu pai. Porém,

devido à sua dificuldade em se expressar por meio de palavras, tendo uma oratória insatisfatória, não se estabeleceu na função.

Em meio a muitas idas e vindas à sua casa paterna, decepções amorosas e tentativas em diferentes ocupações, Van Gogh percebe que o desenho o acompanhou durante todos esses momentos e então, em 1880 com o apoio do irmão Theo, decide que encontrou seu verdadeiro caminho: ser pintor. Assim, seu irmão passa a ser seu maior apoiador, o qual custeou todo o resto de sua vida, principalmente os materiais artísticos utilizados por ele para produzir sua arte. (VAN GOGH, 2002)

Dessa forma, estabelecem uma conexão intensa, trocando cartas quase que ininterruptamente, o que pode ser constatado em “Cartas a Theo” (2002), obra literária que reúne todas as cartas trocadas entre Vincent e seu irmão durante o tempo em que estiveram distantes, o que durou praticamente toda a sua curta vida.

Durante o tempo em que morou em Paris com seu irmão, tinha o costume de frequentar muitos museus, principalmente o Louvre, acervo de onde tirava grande parte de sua inspiração para pintar. Fez algumas reproduções de obras famosas de Delacroix e Millet, porém, devido a muitos conflitos internos, acaba por abandonar o ateliê no qual fazia parte, para pintar ao ar livre, como os impressionistas que tanto admirava. Se muda então, para Arles, cidade do sul da França, em busca da luz que tanto almejava para pintar seus quadros, conforme escreveu em uma de suas cartas à Theo: “Agora temos aqui um calor intenso, glorioso, sem vento, isto é, mesmo para mim. Um sol, uma luz que falta de melhor nome só posso chamar de amarela[...].” (VAN GOGH, 2002, p. 191)

Lá, faz amizade com outros pintores, dentre eles, Paul Gauguin. A amizade dos dois se tornou famosa devido a uma discussão que acabou de maneira trágica. Na noite de 25 de dezembro de 1888, Vincent tomado pelas emoções após discutir com Gauguin, mutila sua própria orelha, embala e entrega a um policial. Após o ocorrido, Van Gogh é internado no asilo psiquiátrico de Saint Remy, como paciente voluntário, onde permanece por dois anos. Durante esse tempo, tem acesso a dois quartos no hospital: um para dormir e outro para pintar, tendo o costume de observar a paisagem da janela de seu dormitório e fazer esboços com carvão, para posteriormente, produzir suas pinturas no outro cômodo em que utilizava como ateliê. Durante esse período, produziu algumas de suas obras mais conhecidas, como “A noite Estrelada” (1889) . (VAN GOGH, 2002)

Segundo Jung (2012), em relação à arte e aos artistas, o processo criador coloca o indivíduo à serviço de sua própria arte, podendo às vezes, lhe custar inclusive sua saúde,

pois a arte se impõe ao autor. Esta afirmação pode ser observada em uma das cartas escritas por Van Gogh, citando como seu estado de saúde refletia em suas obras:

“Digo-lhe francamente que começo a ter medo de não conseguir escapar disto, pois minha constituição seria bastante boa se não tivesse que jejuar por tanto tempo, mas sempre precisei jejuar ou então trabalhar menos, e sempre que possível escolhi a primeira solução, até o momento em que me vi excessivamente fraco. Como continuara resistir? Vejo de forma tão nítida, tão clara, a influência deste estado de coisas sobre minha obra, que me pergunto ansiosamente como seguir em frente.” (VAN GOGH, 2002, p.118)

Após dois anos em Saint Remy, Van Gogh decide deixar o local, em busca de mais sossego, haja vista que a convivência com outros internos o incomodava. É então redirecionado à Auvers-Sur-Oise, ficando sob os cuidados do Dr. Gachet, médico e colecionador de arte, o qual retratou muitas vezes em suas pinturas. A relação entre os dois inicialmente se deu de maneira amigável, mas não durou muito até que Van Gogh percebe que o médico não pode ajudá-lo efetivamente com sua condição de saúde, o que lhe deixa ainda mais desmotivado. Assim, tomado por sua solidão, em pouco menos de três meses que permaneceu em Auvers, pintou de forma compulsiva cerca de 80 telas. (VAN GOGH, 2002)

Ao perder também o apoio de Théo, que o ajudava financeiramente com os materiais para produzir suas obras, se vê completamente perdido, como cita Monteiro (2009, p. 50) “Sem arte e sem planos, tudo para Van Gogh estava acabado, inclusive sua vida”.

Assim, em 27 de julho de 1890, ao caminhar pelos trigais, dispara uma bala contra si mesmo, ficando alojada em sua virilha. Consegue arrastar-se e caminhar até sua residência, porém o Dr. Gachet constata que não há possibilidade de remover a bala. Théo é avisado somente no dia seguinte e ao saber, vai imediatamente até Auvers, onde encontra o irmão sentado tranquilamente fumando cachimbo e permanece junto a ele até o momento de sua partida. “A uma e meia da manhã murmura: “Quero ir embora”, e morre.” (VAN GOGH, 2002,p. 18)

Vincent Van Gogh faleceu aos 37 anos, deixando cerca de 800 telas e 800 desenhos e gravuras, das quais somente um: “Vinhedo vermelho” (1888) foi vendido ainda em vida. Sem dúvidas, estudar suas obras sem levar em consideração sua biografia seria um grande erro, uma vez que sua vida em muitos momentos sobrepõe sua arte. (NAVES, 2021)

“O maior problema de se partir da constatação de uma alma perturbada para a compreensão da obra de um grande artista reside no fato de considerar os transtornos mentais uma substância indefinida que se projeta sobre telas e papéis

prescindindo de todas as mediações lúcidas que um trabalho de arte pressupõe.” (NAVES, 2021, p. 4)

Assim, Vincent Van Gogh teve o merecido reconhecimento somente após sua morte, tornando-se um dos artistas mais famosos de toda a história da arte. Para ele, o pintor do futuro seria um colorista como o mundo jamais viu, não sabendo que estava se referindo a si mesmo. Em relação a utilização de sua arte como forma terapêutica não intencional, diz Monteiro (2009, p. 49) “Tentava a autoterapia por meio da pintura que foi para ele uma atividade que o ligava a vida. Somente a pintura o conseguia arrancar de tão profunda depressão.”

Sua técnica utilizando as cores e movimento de maneira nunca vista anteriormente, fizeram de Van Gogh um artista único. Ao observar suas obras tendo o conhecimento de sua vida, pode-se constatar que o artista em questão utilizou seu fazer artístico como uma forma de expressar seus sentimentos mais íntimos, paixões, angústias e sofrimentos, encontrando uma espécie de refúgio em sua própria arte, como uma “intensificação do viver”, conforme diz Ostrower (1987):

“Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade, é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos.” (OSTROWER, 1987, p. 28)

## **2.2 – Leitura das obras de Van Gogh a partir do método Iconológico e Iconográfico**

Neste tópico serão utilizadas duas obras de arte do artista Vincent Van Gogh para realização de leitura, a partir do método iconológico e iconográfico de Erwin Panofsky (1892– 1968).

De acordo com Panofsky (2010), o método consiste em três etapas, sendo elas: descrição pré-iconográfica, sendo uma descrição puramente visual dos elementos contidos na obra; análise iconográfica, que é a observação dos elementos visuais analisados a partir de uma perspectiva simbólica e alegórica, podendo atribuir valores dos quais torna a leitura da imagem mais clara e por fim, a interpretação iconológica. Esta última, consiste na compreensão por trás da obra, visando investigar as motivações do autor, quais sentimentos e sensações queria provocar ao observador, qual mensagem gostaria de transmitir a partir da

composição que criou. Embora seja um método subdividido, todas as etapas fazem parte do mesmo processo, não havendo uma leitura completa na ausência de uma delas. Sobre esta afirmação, diz o autor:

“Devemos, porém, ter em mente que essas categorias nitidamente diferenciadas, que no quadro sinóptico parecem indicar três esferas independentes de significado, na realidade se referem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, à obra de arte com o seu todo.” (PANOFSKY, 2010, p. 64)

Conforme afirma Analice Pillar (1999), a leitura da obra de arte é uma atividade complementar à produção, pois somente a partir dela podemos fazer a devida interpretação.

Ainda segundo a autora, uma imagem possibilita inúmeras formas para interpretá-las, pois há diferentes métodos de leitura e análise de imagens, diferentemente de obras textuais, por exemplo. Dessa maneira, afirma que ao relacionar as produções de um artista à sua vida, possibilita a compreensão ampliada de como suas criações abordam suas motivações, conflitos e interesses. Assim, a interpretação é, por si só, uma atividade subjetiva, conectando ideias aos elementos visuais a partir de repertórios individuais. (PILLAR, 1999)

Afirma: “Em suma, interpretar é confiar em si mesmo, é revelar intuição, inteligência e imaginação e combiná-las com os conceitos e observações realizadas. Enfim, é apropriar-se de uma imagem num sentido próprio e especial.”(PILLAR, 1999, p. 82)

### 2.3 – Leitura de obra: “A noite estrelada” (1889)



FIGURA 1 - “A NOITE ESTRELADA” (1889)

### 2.3.1- Descrição pré-iconográfica – “A noite estrelada” (1889)

A pintura retrata uma paisagem noturna, onde o céu se mostra em tons de azul intenso em uma mescla com pinceladas em tons de azul mais claros. Ainda é possível identificar alguns pontos em tons de cinza e amarelo claro acinzentado.



FIGURA 2 - DETALHES (NUVENS E PINCELADAS)

No céu pode-se observar onze estrelas em diferentes nuances de amarelo, que variam entre o amarelo limão e vão até o amarelo alaranjado. Nas estrelas também se encontram pinceladas em tons de branco e em algumas observa-se também detalhes em verde claro. Possuem diferentes tamanhos e estão dispostas por todo o céu, sendo todas de formato circular.



FIGURA 3 - DETALHES (CÉU)



FIGURA 4 - DETALHES (ESTRELA)

No topo à direita da tela, pode-se observar o desenho de uma meia lua, rodeada por pinceladas circulares em tons variados de amarelo.



FIGURA 5 - DETALHES (LUA)

Ao fundo, observa-se também uma cadeia de montanhas em nuances de azul intenso e cinza escuro, quase atingindo o preto absoluto no canto direito.



FIGURA 6 - DETALHES (MONTANHAS)

Abaixo situa-se uma vegetação em tons acinzentados de verde e azul. No plano seguinte, observa-se um conjunto de casas, como uma pequena vila, tendo predominância do azul claro, marrom e amarelo em alguns pontos. Destaca-se em meio às construções, uma torre pontiaguda, diferenciando-se do restante, o que parece ser uma igreja.

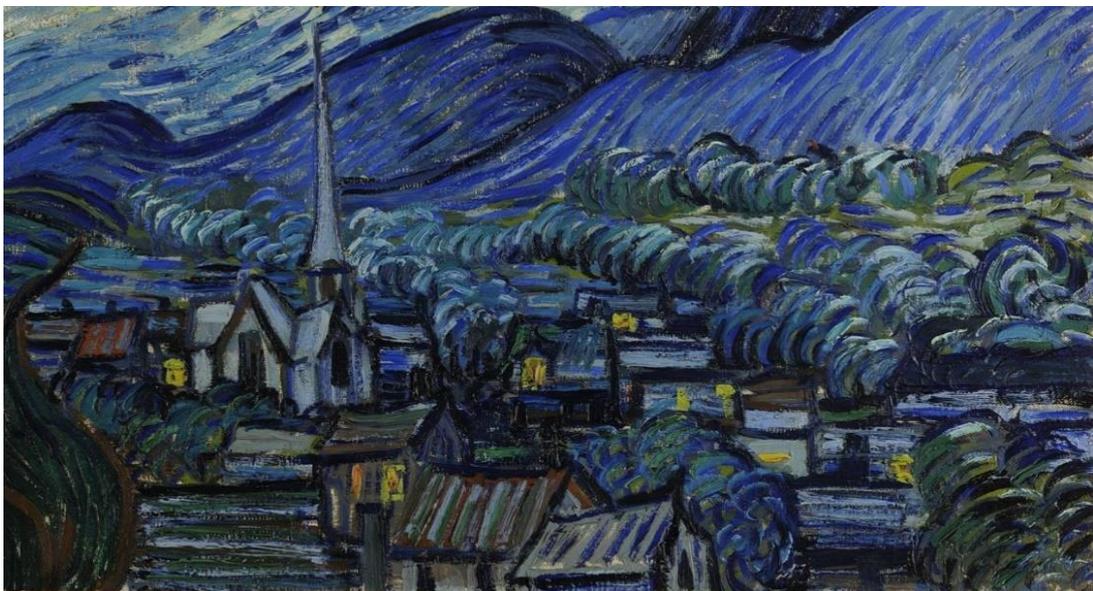


FIGURA 7 – DETALHES (VILAREJO E IGREJA)

Por fim, em primeiro plano encontra-se um cipreste alto em tons de marrom, verde escuro e preto, ao lado de alguns arbustos em tons de azul e verde acinzentado.



FIGURA 8 - DETALHES (CIPRESTE)



FIGURA 9 - DETALHES (ARBUSTOS)

### **2.3.2 – Análise iconográfica – “A noite estrelada” (1889)**

A técnica utilizada pelo artista no céu desta paisagem noturna nos remete a uma sensação de movimento, conforme as pinceladas que parecem acompanhar o sentido do vento ao utilizar formas circulares e espirais, ao invés das cores chapadas e uniformes.

O Simbolismo dos espirais está relacionado à evolução, fluxo da vida e continuidade. (O’CONNEL, 2010)

As estrelas remetem à mandalas, pois há uma visível abstração nestes elementos, apresentam forma circular e um ponto central, diferenciando-se umas das outras somente por questões de dimensão e utilização das cores. As mandalas, por sua vez, são formas circulares utilizadas em rituais de cura, onde ao centro se encontra a energia superior, com objetivo de promover experiências espirituais. (O’CONNEL, 2010)

A lua disposta ao lado direito superior da tela se apresenta em sua última fase, a minguante. O simbolismo da lua nesta etapa é de fim de ciclos. As montanhas estão relacionadas à pureza da alma, sendo um símbolo de transcendência. (O’CONNEL, 2010)

A presença das residências pode trazer uma simbologia de segurança, refúgio, e a igrejacontida na pequena vila, é um símbolo de fé e encontro com energias superiores. O Cipreste é uma árvore com grande simbolismo em diferentes culturas. No ocidente está relacionada ao luto e à morte. Já em outros lugares, como na Ásia, é um símbolo de persistência e vida longa. (O’CONNEL, 2010)

### **2.3.3 – Análise Iconológica – “A noite estrelada” (1889)**

De acordo com alguns escritos de Van Gogh em suas cartas à Theo, constata-se que a pintura “A noite estrelada” (1889) é uma representação da vista do quarto onde dormia no asilode Saint Remy. Por não poder pintar no mesmo quarto onde dormia, o pintor reproduziu esta obra por meio de suas lembranças visuais, diferente das outras que costumava fazer por observação. A pintura retrata o final da noite, quando o dia está próximo de amanhecer, provavelmente uma das memórias de Van Gogh ao fazer suas observações da paisagem, comode costume.

### 2.3.4 – Interpretação da obra – “A noite estrelada” (1889)

Na obra em questão, Vincent Van Gogh retratou uma paisagem que faz uma mescla entre o mundo real e o imaginário. Segundo os escritos nas cartas destinadas a seu irmão Theo, pode-se observar que já era de sua vontade realizar esta pintura, conforme cita: “Também me falta uma noite estrelada com ciprestes ou talvez sobre um campo de trigo maduro; aqui há noites muito bonitas.” (VAN GOGH, p. 232, 2002)

Por meio desta e tantas outras citações, é possível identificar que Van Gogh realizava suas pinturas a partir da observação de paisagens, unidas a seus pensamentos, memórias, sonhos e sentimentos. “A noite estrelada” (1889) é uma destas paisagens, pois une a vista da janela do seu dormitório em Saint Remy à outras imagens contidas em sua mente, como por exemplo, a igreja e o vilarejo, que não fazem parte da paisagem original.

Sendo um grande observador da natureza, Van Gogh retratou muito bem o momento entre o fim da noite e o início do dia, intercalando pinceladas entre tons de azul escuro e o amarelo claro.

É possível também observar mesmo por meio de fotografias os detalhes da forma livre como pintava, onde o imaginário e a liberdade de se expressar parecem sobrepor a técnica, podendo-se observar diversas camadas grossas de tinta, a falta da linearidade e a presença de pinceladas assimétricas.

A utilização das formas arredondadas semelhantes à mandalas, podem ser interpretadas como uma forma de integração da psique, que de acordo com o pensamento de Jung (2012), é a busca pelo processo de individuação, conforme cita Monteiro (2007).

“Durante toda a vida, Van Gogh semeou seu processo de individuação, procurando se tornar um ser único e realizar melhor e mais completamente as qualidades de um ser humano. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como a estranheza de seus componentes e, sim, como uma combinação única, ou com uma diferenciação gradual de funções e faculdades que, em si mesmas, são universais, tornando-se único, o que de fato, é.” (MONTEIRO, p.67, 2007)

De acordo com essa afirmação, Van Gogh estaria exercitando a busca pelo encontro de si mesmo, na tentativa de ressignificar seus sentimentos e emoções por meio da expressão artística, ainda que de maneira não intencional, utilizando a arte como um recurso terapêutico que intensificava sua vontade de viver.

“A noite estrelada” (1889) é sem dúvidas, uma das obras de arte mais aclamadas da História da Arte, embora o autor não tenha a idealizado como algo grandioso, sendo apenas mais um de seus estudos dentre os inúmeros que fez em vida.

A pintura em questão suscita sensações das mais diversas, unindo dinamismo das cores, movimento, energia e simultaneamente, a melancolia.

“Para que descrever um quadro de Van Gogh!? Nenhuma descrição tentada por quem quer que seja poderá se equiparar à simples alienação de objetos naturais e de tintas aque se entrega Van Gogh, tão grande escritor quanto pintor e que transmite dentro da obra que descreve a impressão da mais desconcertante autenticidade.” (ARTAUD, p.37, 2002)

## 2.4 – Leitura de obra: “Campo de trigo com corvos” (1890)

Iniciaremos aqui as leituras iconográfica e iconológica da obra “Campo de trigo com corvos” (1890) de Van Gogh buscando destacar seus sentidos e significados, além de seus simbolismos.



FIGURA 10 - "CAMPO DE TRIGO COM CORVOS" (1890)

### 2.4.1 – Descrição pré-iconográfica – “Campo de trigo com corvos” (1890)

A obra “Campo de trigo com corvos” (1890) trata-se de uma pintura de paisagem, em meio a um campo de trigo em diferentes tons de amarelo queimado, onde corvos estão a sobrevoar pelo céu aparentemente nublado, representado por meio de pinceladas que intercalam entre o azul claro e o azul profundo, aproximando-se do preto absoluto.

Diferente de suas outras paisagens, nesta o céu tem um ar mais sóbrio, não havendo a presença direta do sol.



FIGURA 11 - DETALHES (CÉU)

Os corvos são representados por pinceladas em preto absoluto, contrastando bem com o fundo mais claro da paisagem, apresentando um padrão de pinceladas assimétricas. Percebe-se que voam em bando e nessa área da pintura a profundidade é evidenciada pela disposição das aves na imagem, como se estivessem vindo de trás para a frente.



FIGURA 12 - DETALHES (CORVOS)

Na parte inferior da tela, observa-se também um grande campo de trigo em tons de amarelo alaranjado, mesclados com tons de marrom e amarelo claro.



FIGURA 13 - DETALHES (CAMPO DE TRIGO)

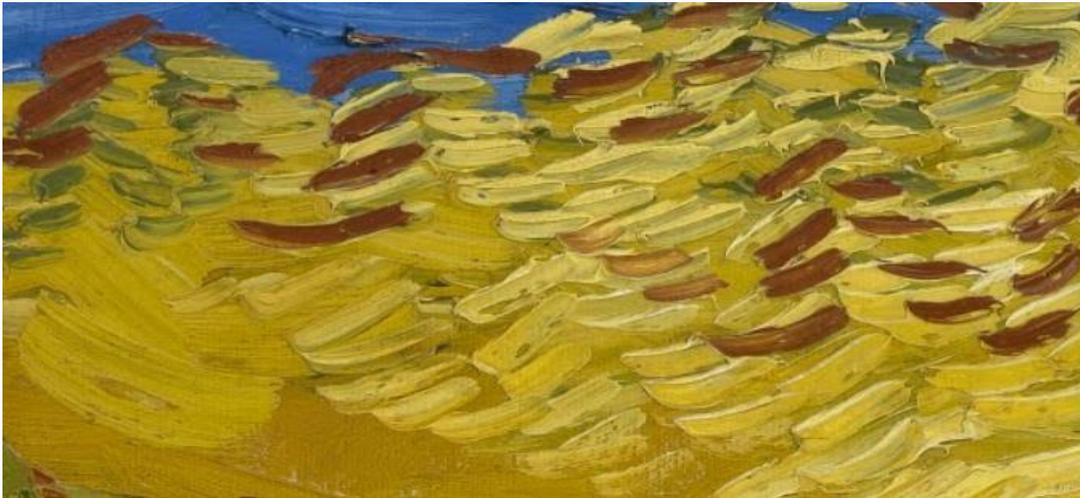


FIGURA 14 - DETALHES (TRIGO)

Mais abaixo também podem ser observados caminhos de terra em tons de marrom claro rodeados por grama verde, obedecendo ao mesmo padrão de pinceladas livres e assimétricas do restante da pintura.



FIGURA 15 - DETALHES (CAMINHOS)

#### **2.4.2– Análise iconográfica – “Campo de trigo com corvos” (1890)**

Nesta pintura de paisagem, embora tenha grande riqueza de detalhes em suas pinceladas de cores diversas, possui poucos elementos, como os pássaros, o campo e as pequenas estradas de terra e grama verde.

De acordo com O’Connel (2010), os céus estão ligados diretamente ao lado espiritual, sendo a morada dos deuses e ligação direta entre o mundo superior.

O sol, por sua vez, traz a representação da vida, sendo fonte de luz e energia, essenciais para a vida na Terra. Já a ausência dele no céu, representa o inverso, sendo muito associado à morte e maus presságios. (O’CONNEL, 2010)

O campo de trigo carrega a simbologia da fertilidade, abundância e colheita, podendo também ter o sentido de fim da vida, pois todo o trigo que brota, terá de ser colhido, e assim, ceifado. Os caminhos de terra cercados de grama podem receber a atribuição de escolha de destino, como alternativas a serem seguidas. (O’CONNEL, 2010)

Os corvos são pássaros conhecidos por sua representação fúnebre. São aves muito representadas em diversas culturas como símbolo de morte, maus presságios, perda e guerra, sendo também uma ave mensageira do Deus Apolo na cultura grega. (O’Connel, 2010)

#### **2.4.3 – Análise iconológica – “Campo de trigo com corvos” (1890)**

Van Gogh tinha o costume de fazer longos passeios pela natureza, observar as paisagens, ir até os campos de trigo e atirar nos corvos.

“Em 27 de Julho, tomado pela angústia que ele sente aproximar-se, dispara uma bala no coração. Estava nos trigais, atirando nos corvos, quando decide dar fim a própria vida.” (VAN GOGH, p. 18, 2002)

De acordo com a obra “Cartas a Theo” (VAN GOGH, 2002), os últimos dias de Van Gogh foram carregados de muita tristeza e desilusão. A pintura em questão foi realizada nestes últimos dias de vida, sendo um dos últimos quadros feitos por ele.

“Os corvos pintados dois dias antes da sua morte não lhe abriram, mais que suas outras telas, a porta de uma certa glória póstuma, mas abrem à pintura pintada, ou melhor, à natureza não-pintada, a porta oculta de um futuro possível, de uma permanente realidade possível, através da porta aberta por Van Gogh para um enigmático e pavoroso além.” (ARTAUD, 2002, p.18 e 19)

#### 2.4.4 – Interpretação da obra – “Campo de trigo com corvos” (1890)

A partir dos estudos relativos à vida e obra de Van Gogh, pode-se constatar que o artista em questão conviveu com uma série de sentimentos de angústia, dor, depressão e tristeza por toda a sua vida, encontrando na arte uma maneira de expressar seus sentimentos e assim também, sentir-se útil, pois foi a única ocupação em que conseguiu se encaixar.

A presente pintura retrata claramente como estavam suas emoções nos últimos dias de sua vida, momento em que se viu desamparado por seu irmão Théo, que o ajudava financeiramente com os materiais para produzir seus quadros e também sem apoio emocional de amigos ou pessoas próximas. Havia também tido alguns desentendimentos com o Dr. Gachet que o acompanhou em Auvers-Sur-Oise em seus últimos meses após deixar o asilo de Saint Remy.

A obra em questão é carregada de elementos que representam simbolicamente toda a tristeza que o assolava profundamente, o presságio de morte e a ausência do sol, o princípio solar vital que tanto utilizava em suas pinturas.

Essa busca pela luz acompanhou Van Gogh por toda a vida, tendo no princípio, tentado ser pastor e levar essa iluminação às outras pessoas por meio da palavra cristã. Após não se encaixar, utilizou o princípio solar na grande maioria de suas telas, tendo inclusive se mudado de cidade para encontrar a luz que tanto almejava para pintar. Ao observar esta tela, podemos identificar sua obscuridade celeste, diferenciando-se das demais, geralmente carregadas de intensa luz solar.

“Desde a época em que era missionário, pregava o evangelho para fazer resplandecer luz das trevas. Do desejo de ser missionário e pregar a bíblia por toda parte levando luz, nasce o artista que futuramente iria trazer luz a si mesmo e a todos que admirassem suas obras.” (MONTEIRO, p.56 e 57, 2007)

Dessa maneira, pode-se constatar que Van Gogh utilizou a arte como uma forma de expressar os sentimentos que por muitas vezes não foram ouvidos, ou que não teve oportunidade de expressar por meio de palavras. Por ter sido incompreendido por muitos, encontrou na pintura uma maneira de intensificar seu próprio viver.

Por isso, quando se viu desamparado e impossibilitado de continuar a produzir sua arte, decidiu pôr fim em sua vida, como se o fazer artístico estivesse ligado diretamente à sua existência, como demonstra simbolicamente seu estado de espírito na obra “Campo de trigo com corvos” (1890) que antecedeu seu suicídio.

## 2.5 – A arte como intensificação do viver: exemplos na história da arte

Conforme afirma Naves (2021), dentro da História da Arte, pode-se constatar um grande número de artistas que passaram por dificuldades e grandes sofrimentos relacionados à mente, tendo momentos que variavam entre a lucidez e a loucura. De acordo com essa afirmação, destacamos o exemplo do artista norueguês, Edvard Munch, percussor do Expressionismo, movimento que por sua vez, trazia a característica marcante da expressão dos sentimentos, utilizando formas livres de pintar e representar os objetos, elementos e uso das cores, desprendendo-se do perfeccionismo de técnica, luz e sombra valorizando mais a subjetividade na representação da natureza, do ser humano e suas emoções.

De acordo com Freitas (2019), Munch considerava a arte como uma arma poderosa contra a sociedade, por isso, muitas de suas telas carregam forte temática social. O pintor teve uma vida repleta de perdas e turbulências emocionais, perdendo sua mãe e irmã ainda na infância, sendo criado pelo pai que sofria de problemas mentais. Tornou-se um adulto depressivo, tendo crises de alucinações e encontrou na arte uma forma para externar seus sofrimentos, dores, angústias e emoções. Ficou muito conhecido por sua obra em série “O grito”, composta por quatro pinturas, sendo a reprodução mais conhecida, datada de 1893.

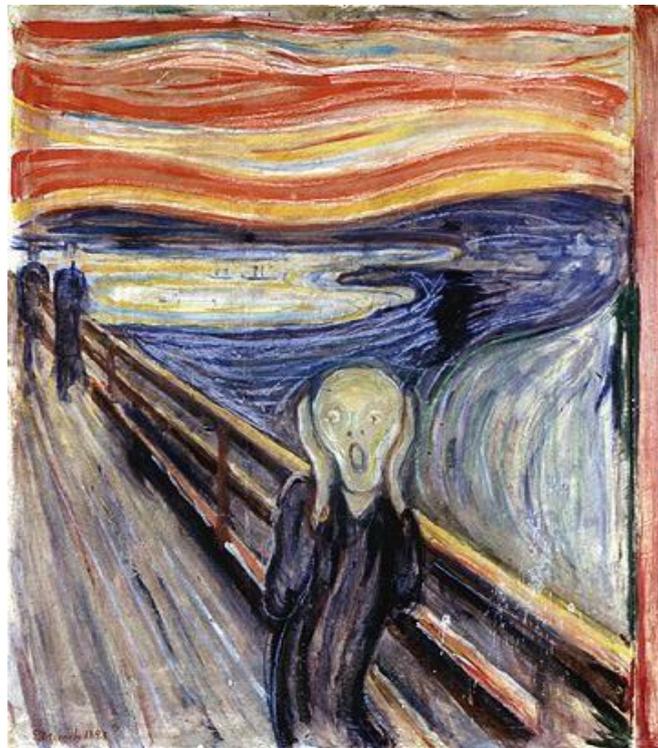


FIGURA 16 - "O GRITO" (1893)

A obra em questão, retrata uma figura fantasmagórica em primeiro plano, com aparência estarecida, mãos elevadas ao rosto, olhos arregalados e boca bem aberta. Ao fundo, pode-se observar pequenos barcos no rio que parece correr debaixo da ponte onde a figura se encontra, algumas silhuetas humanas também aparecem um pouco atrás. As cores são utilizadas de modo a representar grande movimento na pintura, não havendo delimitação exata entre o rio e o céu, representados com pinceladas em tons alaranjados, azuis, amarelos e leves pinceladas em tons de verde e marrom.

Há inúmeras interpretações acerca da produção em questão, sendo muito discutida ainda nos dias de hoje. Porém, a mais aceita é a de que Munch teria representado um momento de crise, enquanto passeava com seus amigos pela ponte de Oslo. A teoria é reforçada devido à uma anotação feita em seu diário, datada de 22 de janeiro de 1882, onde escreveu:

“Caminhava com dois amigos pelo passeio, o sol se punha, o céu se tornou repentinamente vermelho, eu me detive; cansado, apoiei-me na grade - sobre a cidade e o braço de mar azul-escuro via apenas sangue e línguas de fogo - meus amigos continuaram a andar e eu permanecia preso no mesmo lugar, tremendo de medo - e sentia que uma gritaria infinda penetrava toda a natureza.” (MUNCH, 1988, p.136)

Dentro da história da arte também destaca-se o exemplo de Yayoi Kusama, artista contemporânea japonesa que perpassou por diferentes técnicas e linguagens artísticas durante sua carreira, tendo utilizado pintura, escultura, colagens, instalações e performances.

Kusama sofre desde a infância com distúrbios, esquizofrenia, alucinações e muitos traumas, que refletiram posteriormente em suas criações. Segundo ela, a maioria dos artistas não têm o costume de expressar de maneira explícita seus problemas psicológicos em suas criações artísticas, diferente dela, que os adota intencionalmente como temáticas para criar suas obras de arte. (KUSAMA, 2013)

Consagrada por seu estilo único, sua marca registrada são as infinitas bolinhas presentes em suas obras. Diagnosticada com TOC (Transtorno obsessivo compulsivo), a patologia da artista reflete diretamente em seus processos de criação, com a utilização repetitiva de formas semelhantes em quantidades que demonstram sua obsessão. Kusama considera que suas performances são uma espécie de filosofia simbólica com bolinhas. (KUSAMA, 1968)

“Desejei prever e avaliar a infinitude de nosso vasto universo com a acumulação de unidades de rede, uma negativa de pontos. Quão profundo é o mistério do infinito sem fim em todo o cosmos. Enquanto apreendo isso tudo, quero enxergar minha própria vida. Minha vida, um ponto, ou seja, uma em meio a milhões de partículas.” (KUSAMA, p. 110, 2013)



FIGURA 17 - "NARCISSUS GARDEN" (1966)

Após ter seu estado de saúde mental agravado, Kusama decide internar-se por conta própria em um hospital psiquiátrico no Japão, onde vive atualmente aos seus 92 anos.

A artista tem a liberdade de sair para produzir em seu ateliê e retornar ao hospital todos os dias, utilizando seus traumas e conflitos internos como combustíveis para produzir, transformando-os em arte, de maneira que as repetições presentes em suas obras, a fazem continuar a criar, obsessivamente. (FORTE, 2020)

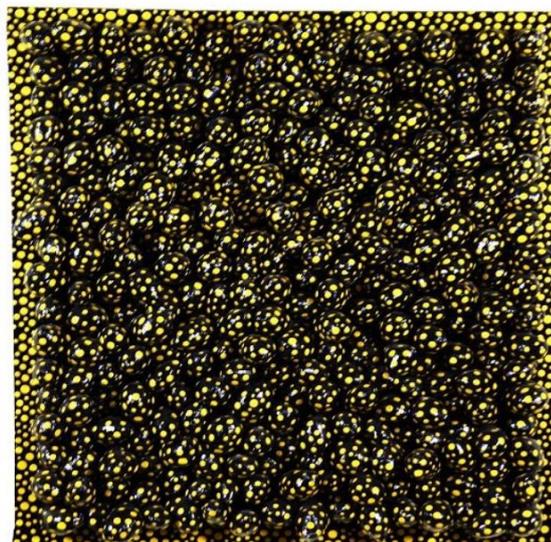


FIGURA 18 - "YELLOW DOTS B" (1993)

Ainda segundo Marcelo Forte (2020), para alguns indivíduos, a arte se torna um investimento na própria saúde mental e emocional. Para estas pessoas, ainda que não sejam propriamente artistas, estudantes de arte ou utilizem suas criações artísticas com o propósito de venda, têm a necessidade de produzir artisticamente.

“A produção artística nasce a partir de uma necessidade humana, e essa necessidade pode partir de qualquer pessoa, esteja ela feliz ou triste, doente ou sadia, sofrendo ou não. O fazer artístico pode em determinadas situações atuar em suas vidas como processos de catarse ou como uma maneira de reinventar sentidos para suas vivências.” (FORTE, 2020, p.32)

Dessa maneira, além de todos os artistas citados neste capítulo, pode-se observar dentro da história da arte inúmeros outros nomes, como Arthur Bispo do Rosário, Qorpo-Santo, Frida Kahlo e tantos além, que utilizaram seus processos conflitantes internos de dor, sofrimento, angústias, traumas e transtornos, ressignificando-os em arte.

Assim, a arte pode ser observada como um instrumento terapêutico possível a ser utilizado como uma maneira de expressar o que há dentro, possibilitando que por meio do fazer artístico, o indivíduo possa encontrar a força interior que precisa para lidar com seus próprios conflitos, auxiliando a superá-los e dessa forma, contribuir significativamente de maneira positiva para a melhoria da saúde mental e emocional, enxergando na arte uma forma de enriquecer e intensificar sua própria existência, libertando-se de tudo que o aprisiona e o tira a vontade de viver.

Sendo assim, para que sejam possibilitadas ao aluno tais experiências, cabe ao arte/educador promover diferentes abordagens que envolvam todos os processos de fruição artística, utilizando recursos, linguagens expressivas e materiais diversos, de modo a ampliar as possibilidades para a livre expressão por meio de diferentes linguagens, técnicas e materiais, conforme exemplificados no capítulo seguinte.

### **3 - ARTE/EDUCAÇÃO E OFICINAS CRIATIVAS: A ARTE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E TERAPÊUTICA DE EXPRESSÃO NAS ESCOLAS**

Neste capítulo serão abordados aspectos sobre o ensino metodológico, teórico e prático das artes, observando as relações entre aprendizado e processos criativos no contexto escolar, compreendendo de que maneira estas relações podem ocorrer de maneira completa e significativa, atravessando o contexto da compreensão dos conteúdos teóricos e do fazer

artístico, alcançando níveis dos âmbitos sensíveis e emocionais do indivíduo, proporcionando assim, um ensino que integre a teoria, apreciação e criação.

Também serão propostas oficinas criativas utilizando diferentes técnicas e materiais como possibilidade de aplicação em sala de aula, a fim de demonstrar de que modo a arte pode ser vista como uma possibilidade de integração total do indivíduo, de modo a conferir viés pedagógico e terapêutico dentro do processo de aprendizagem por meio do fazer artístico.

### **3.1 – Metodologias e abordagens do ensino das artes – A educação artística e sua importância no desenvolvimento educacional e cultural**

A arte/educação abrange uma infinidade de possibilidades de abordagens e metodologias para seu ensino e aplicação. Conforme cita Ferraz e Fusari (2009), estas metodologias, por sua vez, devem ter suas origens dentro dos repertórios abordados em sala de aula, com o objetivo de amplificar valores artísticos e culturais, devendo ter seus ideais e princípios voltados para a realidade onde serão aplicadas, respeitando as condições dos educadores e educandos.

Tais metodologias envolvem o campo dos conteúdos e assuntos a serem abordados pelo professor, que devem estar organizados e selecionados de acordo com a faixa etária de seus educandos e de seus repertórios, possibilitando assim, que o aluno possa fruir a arte em todos os seus aspectos sensíveis e estéticos, proporcionando a apreciação e o também o fazer artístico.

Além dos conteúdos, a metodologia deve envolver também abordagens e práticas didáticas e pedagógicas, com propostas para o ensino-aprendizado que inclua variedade de técnicas, materiais e recursos, tornando possível a apreensão dos conteúdos, o olhar crítico, o desenvolvimento de habilidades e percepção por meio dos encaminhamentos educativos propostos. (FERRAZ, 2009)

Existem incontáveis metodologias e abordagens acerca do ensino das artes. Porém, como afirma Bredariolli (2012), estas formas de ensinar, sozinhas, não funcionam, dependendo assim, que o professor a escolha, analise e a atualize conforme as necessidades de seus alunos, para que desse modo, sejam ferramentas que possibilitem exercer suas potencialidades.

Dessa maneira, uma mesma metodologia pode ser alterada conforme a realidade educacional em que seja aplicada, visando percorrer os melhores caminhos para que a relação ensino-aprendizagem aconteça da melhor forma possível. A autora explicita essa ideia com uma metáfora de receita de bolo, conforme diz:

“Os anos de experiência, junto ao arranjo dos ingredientes e ambiente, provocam os resultados e suas diferenças, ou semelhanças. A receita, por ela mesma, não é garantia da qualidade de um bolo. Os resultados, nesse caso, dependerão da experiência e envolvimento desse alguém que, hábil e sabiamente, perceberá as suas circunstâncias

e as articulará com os procedimentos escolhidos, a receita, arranjando-os, em alterações se necessárias, para o seu fim: um delicioso bolo.” (BREDARIOLLI, 2012, p. 8)

Ana Mae Barbosa, educadora brasileira, pioneira na arte/educação, desenvolveu uma sistematização do ensino das artes chamada de “Metodologia Triangular”.

O termo foi utilizado por unir três etapas do ensino artístico, sendo elas: ver, fazer e contextualizar. Este termo foi revisto pela própria autora anos depois e rebatizado de “Proposta Triangular” e ainda que continue partindo do mesmo princípio, não segue obrigatoriamente estas três etapas de maneira linear, uma vez que a abordagem vem sendo utilizada de diferentes maneiras, onde o processo de contextualização, por exemplo, pode aparecer mais de uma vez, tomando caminhos diferentes, de acordo com o contexto educacional, alunos, conteúdo e atividade propostos. (BARBOSA, 2020)

De acordo com Ana Mae Barbosa (2020), não há possibilidade de desenvolvimento cultural efetivo de um indivíduo quando não há incentivo a desenvolver seus repertórios artísticos individuais. Dessa maneira, outros âmbitos também são afetados, como o desenvolvimento do intelecto e da inteligência, seja numa educação popular ou elitizada, pois segundo a autora, é impossível que o aluno se desenvolva integralmente sem que o mesmo possa exercer seu pensamento crítico e visual, aspectos que se mostram evidentes na arte.

“Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.” (BARBOSA, 2020, p.44)

Ainda segundo a autora, uma das grandes problemáticas que envolvem o consumo, apreciação e fruição da arte é que ainda atualmente, somente uma pequena parcela da sociedade tem acesso à museus, galerias ou instituições culturais, o que torna a concepção de arte elitista e disponível para poucos. Pensando neste problema, as escolas e instituições de ensino seriam os locais que poderiam tornar este acesso possível para grande parte de nossos estudantes, trabalhando também questões que envolvem noções de representatividade, os distanciamentos entre arte e artesanato/artefato, preconceitos, e todas relações que envolvem arte e poder. (BARBOSA, 2020)

A arte, por sua vez, se apresenta como necessária em duas etapas principais do desenvolvimento dos seres humanos inseridos em uma sociedade: na infância e na adolescência. Na infância essa importância se dá pela alfabetização, já na adolescência, relaciona-se com a conquista do equilíbrio emocional e sensível.

Embora a arte apresente sua importância em duas fases distintas visando funções e atribuições diferentes, não devem ser observadas de maneira fragmentada, onde em uma se prioriza a razão e em outra, a emoção, pois ambas caminham lado a lado, atuando simultaneamente no desenvolvimento individual e sociocultural do indivíduo.

Ainda segundo a autora, não se pode, por exemplo, alfabetizar apenas ensinando a leitura e a escrita, pois a leitura estética, cultural e social amplia o repertório do aluno para tornar o universo da leitura verbal mais significativo, tendo também, por meio da arte, o estímulo criativo, ao passo que também desenvolve o cognitivo e a motricidade. (BARBOSA, 2020)

De acordo com Analice Pillar (1999), essa importância da arte no desenvolvimento também se dá a partir das leituras das obras de arte. Pois para que possamos alcançar a compreensão de uma obra, devemos decodificá-la, atribuir significados e reunir os valores estéticos e simbólicos aos nossos próprios repertórios, entrelaçando estas informações novas que a obra nos apresenta, com nossas próprias concepções, informações e conhecimentos que estejam relacionados com estas representações visuais, conforme cita a autora: “O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações, etc. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo.” (PILLAR, 1999, p.163)

Ao longo de sua vida escolar, o aluno desenvolve a sensibilidade a partir do encontro com a arte no contexto educacional de maneira significativa, a partir da abordagem utilizada pelo professor, que por sua vez, tem como função possibilitar expansão do aluno enquanto ser humano a partir de suas experiências e vivências, valorizando suas relações e interações com o meio em que está inserido. (HUISMAN, 1997)

Os meios de representação artística na infância desenvolvem-se de maneira linear e constante. Nesse momento, o professor é peça fundamental para que o aluno consiga receber estímulos suficientes para ampliar sua percepção visual, sua expressividade e criatividade, auxiliando o aluno na construção de repertórios artísticos, bem como possibilitar um alcance ainda maior sobre os conhecimentos acerca de si mesmo e do mundo ao redor. (BUORO, 2009)

Segundo Arnheim (1989), a arte possui, sobretudo, uma função cognitiva, pois de acordo com seu pensamento, tudo o que compreendemos e todo o conhecimento que adquirimos em relação ao meio em que vivemos, só chega até nós através dos sentidos.

“Lembramos, além disso, que os aspectos significativos percebidos em nosso meio ambiente são concretizados em propriedades expressivas tais como forma, cor, textura, movimento. Portanto, mesmo quando os objetos físicos do meio são deixados para trás e mantidos apenas as formas, cores etc, estes aspectos “abstratos” podem traduzir por si mesmos, simbolicamente, um comportamento pertinente.” (ARNHEIM, 1989, p. 266/267)

Portanto, ao unir dentro do contexto educacional a fruição artística, analisando, observando, contextualizando e produzindo, o processo de ensino das artes seria dessa maneira, completo, abrangendo necessidades específicas e individuais do aluno, obedecendo simultaneamente, o conteúdo a ser aprendido, bem como seus valores culturais. (BARBOSA, 2020)

Dessa maneira, quando o arte/educador abrange em sua proposta de metodologia de ensino estas etapas que unem conhecimento, leitura e contextualização, abre a possibilidade que seus alunos vivenciem de outro modo as relações interpessoais, pois são quebrados os padrões de competitividade entre eles, priorizando a apreensão, apreciação, contemplação e o fazer artístico, de modo amplo e enriquecedor. (MARQUES, 2014)

“Assim, se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores de arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de arte e se mostre significativamente na vida das crianças e jovens.” (FERRAZ E FUSARI, 2001, p.15)

### **3.2 – Arte/educação e criatividade**

A criatividade é um processo mental que ocorre em diferentes momentos da experiência e vivência humana. Embora as atividades artísticas sejam um dos meios para observá-la, o simples ato de resolver problemas, produzir ideias e soluções de maneira imediata, já mostram sinais de criatividade. (KNELLER, 1965)

“A criatividade deveria ser disciplina desenvolvida desde a infância para todos. Sendo a sala de aula o espaço destinado à educação e acreditando ser essa educação a única solução possível de transformação social e, ainda, tendo o professor como agente dessa transformação, a criatividade seria uma grande possibilidade de autonomia para todos, tanto docentes quanto discentes. (CASELLA, 2015, p. 11)

De acordo com o que diz Kastrup (2007), os processos criativos não acabam ao se ter uma nova ideia, haja vista que somente o ato de pensar algo novo não é o suficiente para exercer a criação por completo e abrangem aspectos que exigem processos mais complexos, pois o ato de criar envolve também o trabalho, as conexões com o que está sendo feito e a maneira como se lida com o que está sendo criado.

"De um certo modo, supõe-se que a criatividade repousa sobretudo sobre as manifestações não sujeitas a regras ou ao estabelecimento de regras pessoais e próprias de manifestação. O comportamento divergente não deixa de ser um comportamento criativo, mas a redução de um ao outro, sem mais, não somente limita a noção de criatividade como dificulta a ação pedagógica que se pretende criativa." (FRANCHI, 1991, p.8)

A criação acontece devido a um estímulo externo, não sendo algo que nasce de repente, pois não ocorre naturalmente. Portanto, é necessário que além dos estímulos iniciais, sejam proporcionados recursos e repertórios para que os processos de criação possam continuar seu desenvolvimento de maneira plena e consistente. Assim, ao realizar uma obra de arte o artista utiliza elementos, cores, formas, linhas e símbolos dos quais seus processos de criação o proporcionam. Porém o ato de observar, apreciar e fruir a arte também são caracterizados como exercícios de criação, pois a obra só se completa a partir do encontro dela com o expectador. (KASTRUP, 2007)

“A experiência perceptiva é, ela própria, uma experiência criadora, completando o trabalho de produção. Nessa direção, a prática artística, como a percepção estética, aciona processos de cognição inventiva e tem papel na produção de subjetividades, na transformação de domínios cognitivos e no engendramento de novos territórios existenciais.” (KASTRUP, 2007 p. 68)

Segundo Ostrower (1987), os processos de criação abrangem toda a personalidade do indivíduo. Logo, quando criamos, estruturamos, comunicamos e transmitimos informações, possibilitando o desenvolvimento interno de atividades globais. Portanto, o próprio fazer artístico se mostra como um exercício transformador.

Uma das principais funções do ensino de artes é o estímulo à criatividade, que tem como consequência a expansão da percepção e sensibilidade diante do mundo ao seu redor, contribuindo dessa maneira, para a amplificação não somente nos campos teóricos e práticos da arte, mas também no desenvolvimento humano e social do indivíduo, pois a arte possui complexidades que permitem as manifestações de habilidades no campo da ação.

Sendo assim, se trata de uma atividade que combina diferentes eixos da experiência humana, trabalhando e desenvolvendo aspectos sensíveis e cognitivos por meio do contato do aluno com a arte e a cultura. À priori, não podemos olhar a criatividade em si, pois ela consiste em uma ação, dessa maneira, pode ser observada e expressa nos produtos obtidos por meio dela. (FERNANDES, 2016)

Estes produtos, por sua vez, têm a gênese nos processos de criação dos quais permitem que o indivíduo exprima a partir de uma organização de pensamentos, sentimentos e emoções que já estavam presentes dentro de si, materializando-os. (VYGOTSKY, 1987)

“O processo criativo vai além dos modos usuais de se lidar consigo mesmo ou com o meio. Traz um desejável alargamento da experiência humana. [...] A criatividade é um dos meios básicos pelos quais o ser humano se liberta dos grilhões não apenas de suas respostas já condicionadas, mas também de suas escolhas habituais.” (ARIETI, 1976, p.5)

Vale ressaltar que o professor também deve observar com olhar minucioso o campo da criatividade, que por vezes, é colocado como sinônimo somente de habilidades artísticas,

promovendo a ideia de que o indivíduo só pode ser considerado um ser criativo por meio das artes, quando na realidade, a criatividade é um processo inerente ao homem e pode manifestar-se de maneira ampla, não somente nas linguagens artísticas, mas em todas as esferas de sua vida, pois deve ser observada como uma função global da vivência humana, onde a criação e sua experiência de vida se interligam. (OSTROWER, 1987)

Dessa maneira, por meio de um ensino de artes de qualidade, o aluno se familiariza desde cedo com as diferentes linguagens artísticas, como a pintura, a escultura, o desenho, dentre outras. Assim, é possibilitado ao aluno, que além dos conhecimentos teóricos do ensino de artes, possa vivenciar e se aproximar de produções, obras e artistas, ampliando seus horizontes, inspirando-o artisticamente para que assim, por meio dos repertórios artísticos e estéticos, possa aprender, contemplar e se expressar por meio das linguagens simbólicas das artes de maneira mais livre e satisfatória, despertando em si habilidades até então, desconhecidas. (LIMA, 2019)

“[...] a criatividade não surge simplesmente de uma única vivência, e sim, a partir de um processo gradativo de vivências ao longo da vida humana, que com o passar do tempo torna-se potencialmente mais rica, tornando o indivíduo mais capaz de criar, de se projetar, de como fazer e de como exprimir a criatividade dando a ela uma peculiaridade própria para cada ser humano.” (VERAS, 2009, p. 5)

De acordo com os pressupostos, a arte tem a potencialidade de tocar o ponto da criatividade, por meio da ampliação da percepção e da sensibilidade, possibilitando que dessa forma, o ser criativo possa acessar sua interioridade, trazendo-a para fora e permitindo que os processos artísticos internos e externos se manifestem de maneira ampla, interligando suas manifestações individuais com o mundo. (CIORNAI, 2004)

“O sentido de criar para o homem é vital, seu potencial de produtividade está no ato de criar. Tornar suas ideias, sonhos, fantasias, imaginação em produção, em algo que se materialize em criação. Criar é para a humanidade o cerne da vida. A vida que se manifesta como um contínuo fazer criativo.” (CIORNAI, 2004, p. 60)

Portanto, o ensino de artes se mostra completamente ligado à criatividade e ao desenvolvimento de seus processos de criação, pois a partir dessa educação integralizada, o indivíduo realiza-se enquanto um ser criativo atuante na sociedade. (FERREIRA, 2012)

### **3.3 - A arte enquanto recurso pedagógico e terapêutico como possíveis meios para o enfrentamento de questões como *bullying*, depressão e violência no âmbito escolar**

Atualmente a quantidade de alunos com transtornos de depressão ou crises depressivas têm sido cada vez mais recorrente nas escolas de redes públicas e privadas. Tendo diferentes

causas, das mais diversas, podemos destacar os abusos, a ansiedade, o bullying, dentre outros problemas.

De acordo com Cruvinel & Boruchovitch (2014), estas causas podem ocorrer tanto no âmbito familiar, educacional ou social, de crianças e jovens de diferentes classes sociais, afetando de maneira negativa todas as esferas do convívio do indivíduo. São situações traumáticas ou de extremo estresse, que resultam na depressão, causando diversos sintomas como a visão deturpada de si mesmo, o baixo desempenho em atividades sociais ou escolares, a autocrítica exacerbada, dificuldade de concentração, pessimismo, entre outros.

Assim, pode-se constatar que a depressão é um grande vilão dentro do âmbito escolar e educacional, pois afeta diretamente no desenvolvimento intelectual, cognitivo e social do aluno, fazendo com que a auto cobrança e seus repetitivos fracassos em determinadas atividades o levem ao desinteresse pelos estudos e ao isolamento, fazendo-o desacreditar em seu próprio potencial, conforme afirmam as autoras: “Um estudante com sintomas depressivos diante de uma tarefa cognitiva pode se envolver de forma insatisfatória na atividade, tendo em vista que sua atenção está mais voltada para seus conteúdos internos. (CRUVINEL & BORUCHOVITCH, 2014, p. 62)

Mediante os expostos referentes à depressão e outros transtornos, fazemos uma relação com a arte, pois quando utilizada de maneira terapêutica, gera processos internos que auxiliam para a compreensão e resolução de conflitos e problemas. Segundo Monteiro (2007), a linguagem artística carrega consigo um significado muito mais amplo do que a pura materialidade, pois os símbolos e signos utilizados pelo autor podem possuir informações internas do indivíduo, fazendo com que dessa maneira, ao realizar um trabalho artístico, quem o executa se sente estimulado e dominado por tal, gerando-o prazer no fazer e não somente na estética do produto final.

“A arte é instrumento essencial para o desenvolvimento humano; daí ter efeito terapêutico (podendo até mesmo ser autocurativa), pois possibilita ao indivíduo expressar seus conteúdos conflitivos e/ou traumáticos por meio de suas produções artísticas, ajudando na revelação do inconsciente. Quando utilizada com fins terapêuticos, os aspectos estéticos deixam de ser privilegiados.” (MONTEIRO, 2007, p. 32)

Dessa maneira, o ensino de arte assume um papel não somente educativo, mas também terapêutico, buscando por meio dele, abrir horizontes que possibilitem a expansão total do indivíduo. Para que essa abordagem ocorra de maneira eficiente, é necessário que o arte/educador desenvolva o olhar sensível e individualizado, para buscar encontrar soluções para questões que envolvam a autoestima e a autoconfiança no ato do aprendizado unido à

criação artística. Em suma, é indispensável que o mediador dessa abordagem assuma um papel de observador e receptor, pois deve envolver o aluno de modo a respeitar suas dificuldades, em busca da liberação de seu próprio potencial criador, sem exigências ou cobranças, de modo genuíno, humano e sensível. (CIORNAI, 2004)

“O trabalho artístico favorece o contato com os aspectos mais positivos de cada um porque por meio dele podemos entrar em contato com nossa própria beleza, nossa própria força e sensibilidade. Ao criar beleza, harmonia, delicadeza a pessoa entra em contato com estas qualidades em si; ao expressar raiva, revolta e indignação, a pessoa percebe a força do seu poder pessoal. E ao dar expressão ao ser criativo, as pessoas ficam não só orgulhosas do que fizeram como revelam-se a si mesmas, passando de uma atitude de autocrítica a uma atitude bem mais positiva de curiosidade sobre si mesmas.” (CIORNAI, 2004, p. 82 e 83)

De acordo com os pressupostos, a arte como abordagem terapêutica no ensino deve ser estruturada de modo a interligar os saberes, conhecimentos e criações de modo que exista um viés terapêutico por trás destas propostas, gerando uma atividade significativa para os alunos e não se caracterize simplesmente pelo puro ato do fazer. (SAVIANI, 1998)

“No ateliê terapêutico o produto se desenvolve como em ateliê de arte, a obra passa a ter um percurso estético e um nível de elaboração que pede pesquisa de materiais e técnicas diversas. Neste fazer artístico se dá o terapêutico. Porém, o terapêutico não está só no fazer. [...] O ateliê terapêutico integra a linguagem da arte, a história da arte, o material, a técnica, os instrumentos, o processo e o produto. O foco está no desenvolvimento criativo na arte fazendo ponte para o criativo na vida do indivíduo.” (SAVIANI, 1998, p. 17)

Portanto, sendo a arte uma linguagem não verbal, o indivíduo tem a tendência a se manifestar de uma maneira mais livre por meio desta prática, principalmente para aqueles que sentem dificuldade em verbalizar e transmitir por meio de palavras seus sentimentos. Pensando nisso, a arte se mostra como um meio facilitador para experiências novas, e em alguns casos, nunca vivenciadas antes, permitindo que a pessoa envolvida na atividade possa expressar artisticamente seus medos, anseios, raivas, angústias, sonhos e desejos, pois os sentimentos e sensações podem ser ainda melhor expressos por meio de imagens, formas, cores e movimentos, por exemplo.

Assim, o aluno se permite envolver no processo de criação, sem medo de não atender às expectativas de pais muito exigentes ou se sentirem amedrontadas por famílias opressoras, por exemplo, podendo então, se permitir sentir, planejar e criar ao passo que promove um relaxamento de suas próprias defesas, sentindo-se num ambiente seguro, onde pode se expressar e mostrar sua autenticidade. (CIORNAI, 2005)

“Ao longo da vida, as pessoas estão constantemente se descobrindo, refazendo-se a si mesmas. Privilegio a arte, por ser facilitadora desse processo, por permitir criar, transformar, redescobrir, destruir e começar de novo. Realizar uma atividade artística por si só, muitas vezes, torna-se terapêutico por permitir descargas de tensão e possibilitar a expressão e a representação de conteúdos internos (sentimentos,

pensamentos, fantasias, desejos) de forma socialmente aceita.” (CIORNAI, 2005, p. 203)

### **3.4 - Oficinas criativas – Funções e aplicabilidade no ensino das artes**

A arte possibilita-nos inúmeras maneiras de fruição, pois dentro do campo artístico existem diversas abordagens, como as artes visuais, teatro, música, dança, dentre outros. Como cita Huisman (1997, p. 83): “Há mil e uma maneiras de gozar a arte; mas, aquele que a contempla recria a obra a seu modo e aquele que a cria, contempla-a antes de lhe dar forma.”

Nas artes visuais podemos dividir estes campos por meio dos suportes e técnicas utilizados, como a pintura, escultura, desenho, gravura, colagem, fotografia, etc. Todas essas linguagens podem ser utilizadas como recursos expressivos que integram atividades verbais e não verbais. (CIORNAI, 2005)

Dentro do processo de ensino-aprendizagem das artes visuais é de suma importância que o professor apresente artistas e suas obras, enfatizando os elementos visuais e posteriormente, seu contexto de produção e como vivia, pois tais fatores são essenciais para que os alunos compreendam a obra em sua totalidade e dessa maneira, desenvolvam habilidades de percepção como a observação, o reconhecimento de formas, movimentos e cores, a interpretação livre da composição, dentre outros fatores que tornam o ensino mais completo possível, proporcionando ao aluno a possibilidade de relacionar ideias e significados por meio da imagem. (BUORO, 2003)

As oficinas criativas têm sido bastante utilizadas dentro de vários espaços, dentre eles, a sala de aula, como um complemento às aulas expositivas e teóricas, tornando o ensino completo, visando obter as três esferas da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa: ver, fazer e contextualizar. Segundo a autora, um currículo integralizando estas três etapas, teriam a função de possibilitar uma abordagem que respeite as necessidades e interesses individuais do aluno. (BARBOSA, 2020)

Dessa maneira, utilizando as oficinas artísticas como uma das etapas do ensino de artes, trazemos à tona a materialidade do que é subjetivo a cada indivíduo, por meio do encontro e da experimentação com diferentes materiais, fazendo o exercício de exploração, possibilitando o despertar individual para diferentes esferas dentro de suas particularidades. (CIORNAI, 2005)

No trabalho com oficinas, cabe ao professor, mediar a atividade de modo que possibilite reconectar o prazer em realizar uma atividade, ainda que ajam alunos com questões conflitivas, levando-os a perceber que mesmo em meio à problemas e dificuldades, não devem ficar presos a estes sofrimentos e angústias, de modo a colocar para fora de uma forma criativa, divertida e

prazerosa. Desse modo, por meio das atividades propostas e de seu encontro com as diversas linguagens e suportes que a arte nos proporciona, o aluno vai, aos poucos, se conectando e se reconhecendo em suas próprias criações, ressignificando o que o afeta negativamente por meio da arte e compreendendo seus próprios problemas, erros e acertos, aprendendo a lidar de maneira fluida com eles. (CIORNAI, 2005)

A partir dessa abordagem, é importante também que o diálogo, sempre que possível, possa ocorrer, levando em consideração que possam existir na sala de aula comum, alunos que em razão de alguma deficiência, não consigam se comunicar verbalmente. Por meio desse diálogo é importante que o aluno seja levado à reflexão sobre sua experiência e sempre que possível, socializem estas reflexões e exposições de suas criações com os colegas, sem parâmetros, julgamentos ou competições. (CIORNAI, 2004)

“No entanto, esta contextualização verbal nem sempre será alcançada ou vivida desta forma, o que não diminui a produtividade terapêutica do processo. Assim, também há benefício terapêutico no processo de elaboração primária, que ainda não pode ser transformado em palavras, mas permite a catarses, e o resgate de conteúdos mergulhados em níveis muito profundos da vida psíquica.” (PHILIPINNI, 2018)

Como afirma Ana Mae Barbosa (2020), a interação com o grupo é essencial e precisa ser estimulada, para que aprendam desde pequenos a compreender os princípios e ideias do outro, respeitando-os simultaneamente em suas particularidades.

Assim, ao realizar uma atividade artística, o professor não deve propor a cópia de determinada pintura ou desenho, e sim, promover que o aluno encontre seus próprios repertórios, que unidos ao que compreendeu e absorveu mediante ao conteúdo abordado, seja capaz de criar algo novo, conectando também às suas particularidades, para que não se tornem no futuro, pessoas tolhidas e inseguras acerca de suas habilidades artísticas, como cita Ferreira (2012):

“O uso de desenhos prontos em nada acrescenta ao desenvolvimento da criança. Seria muito mais proveitoso estimular a percepção, o raciocínio e a criatividade, substituindo essa prática por atividades livres e formadoras que respeitassem a capacidade de expressão, característica de toda criança, pois ela é naturalmente criativa e sensível e sua criatividade é espontânea até que consigam, por meio de práticas conservadoras e de desrespeito a arte infantil, tornar a criança um ser incapaz de se expressar criativamente, levando-o a mais tarde a dizer: “eu não sei desenhar”.” (FERREIRA, 2012, p. 23,24)

De acordo com Ciornai (2004), existe um caminho a ser percorrido na atividade de arte como terapia, partindo de três momentos principais, sendo eles: O início da atividade, propondo um exercício expressivo a partir da lembrança de sensações, sentimentos, imagens ou cores, transpondo-os para uma linguagem expressiva como a pintura, o desenho, etc; A absorção e a imersão, que é quando o aluno se permite a entrega total à atividade, e volta sua atenção seletiva

para os processos que estão ocorrendo, possibilitando que imagens, formas e cores possam se manifestar; e por fim, a última etapa: Finalização, que consiste na conclusão da atividade, propondo que o aluno se distancie da sua criação e a observe à distância, para apreciar e observar, identificando se serão necessárias modificações ou alterações e dessa forma, completar o processo do fazer. (CIORNAI, 2004)

Conforme cita Philipinni (2018), dentro desse espaço de ateliê artístico e terapêutico, as linguagens expressivas e materiais criam as conexões criativas, portanto, têm um papel muito importante para desenvolver as atividades propostas, que podem ampliar os horizontes do próprio aluno, exercitando sua criatividade diante dessa diversidade de recursos.

“O professor ou educador que oportuniza o acesso às artes, propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. Isto leva o educando a protagonizar o desenvolvimento de sua sensibilidade, percepção, criação e imaginação, tanto ao realizar as diversas linguagens da arte, quanto na ação de apreciar e conhecer as artes produzidas por ele, pelos outros que praticam as artes nas diferentes culturas e pela natureza.” (LIMA, 2019, p. 82)

### **3.5- Oficinas criativas – Suportes, materiais, técnicas e recursos expressivos**

#### **3.5.1 – A importância dos materiais e símbolos**

O trabalho utilizando as oficinas artísticas devem abranger diferentes técnicas, recursos e materiais, para que dessa maneira, o aluno possa se conectar com estes suportes de modo a estabelecer relações, verificando suas dificuldades e familiaridades com eles, permitindo que possam se expressar por meio de formas, elementos, signos e símbolos. (PHILIPINNI, 2018)

“A história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) ou mesmo formas abstratas (os números, o triângulo, o quadrado, o círculo). De fato, todo o cosmos é um símbolo em potencial. Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais.” (JUNG, 1964, p. 232)

De acordo com Philipinni (2018), a produção de imagens acontece antes de se materializar, em nosso campo psíquico. Portanto, ao dar materialidade à estas criações inconscientes, nos desprendemos de qualquer crivo pré definido, e somente após a análise destas imagens, unindo com nossas apreensões acerca de seus simbolismos, signos e representações contidas em nosso consciente é que poderemos transpor estes repertórios visuais e expressivos, o que se denomina de amplificação simbólica.

Dessa maneira, ao se deparar com suas produções, é importante que o indivíduo possa fazer a leitura simbólica e visual de sua criação, importando que nesse momento, o aluno se

possível, fale sobre o que criou e qual a significância e relação tem com os elementos que representou. Vale ainda utilizar arquétipos universais para decodificar tais imagens e símbolos, auxiliando no processo da compreensão e busca de seus significados. (COUTINHO, 2007)

“No desenvolvimento das oficinas, ao dar materialidade ao que é difuso, pelo manuseio e experimentação de materiais diversos no trabalho de exploração, cada indivíduo poderá despertar a singularidade do seu ser. As transformações externas proporcionadas pelo contato com materiais expressivos podem gerar possibilidades de transformações internas.” (CIORNAI et al., 2005, p.70)

Assim, o arte/educador que utiliza a arte como um recurso pedagógico e terapêutico é componente indispensável no processo de acompanhamento e descoberta dentro do espaço de oficina criativa, pois deve oferecer materiais e recursos que sejam adequados para que o aluno possa utilizar as diferentes formas expressivas e dessa maneira, compreender de maneira mais clara elementos que possam refletir conteúdos internos de seu criador. (COUTINHO, 2007)

Por isso, as diversas linguagens também se mostram como peças fundamentais nesse processo de descoberta, criação e realização pessoal do aluno, proporcionando mais liberdade e desenvoltura com suportes que mais se adequem às suas capacidades motoras e sensoriais, não exigindo ou propondo exercícios dos quais não sejam capazes de realizar, para que não leve o aluno à frustração.

Essa variedade de materiais deve ficar à disposição dos alunos para que possam atuar em conjunto com os conteúdos abordados diante do tema da aula em questão, para que dessa maneira, possam dar materialidade ao mundo subjetivo através de cores, formas, linhas etc., de modo que assim se manifeste através da imagem. (CIORNAI, 2005)

A importância dos materiais está justamente na forma como o indivíduo se relaciona com ela, pois conforme cita Philipinni (2018), cada um destes materiais pode suscitar diferentes estímulos, acessar emoções e funções, conforme afirma:

“Assim, algumas linguagens e materiais estarão a serviço do desbloqueio, liberação de conteúdos inconscientes e fluência do processo criativo. Outras estarão favorecendo mais a comunicação e a configuração das informações objetivas, enquanto outras permitem a saída do plano fugidio das ideias/sensações e emoções, para o campo concreto da densidade, peso, volume e texturas.” (PHILIPINNI, 2018, p. 18)

### **3.5.2 – Os diferentes tipos de técnicas e materiais: Propostas de atividades**

Dentro do espaço de oficina criativa, o arte/educador deve oferecer materiais diversos, como já mencionados anteriormente. Philipinni (2018) nos traz uma série de propostas de materiais, recursos e linguagens expressivas das quais podemos utilizar dentro destes espaços de ateliê terapêutico, os denominando de “conexões criativas”, para que a prática abranja

diferentes linguagens, oferecendo inúmeras possibilidades para quem o faz, ampliando assim, o repertório expressivo dos alunos.



FIGURA 19 - MONOTIPIA



FIGURA 20 - MONOTIPIA

Reafirmando o que nos apresenta a referida autora, o papel é um dos materiais mais presentes no espaço de ateliê criativo, devido a sua versatilidade e custo baixo, podendo ser utilizado em diferentes técnicas bidimensionais, como colagem, fotografia, pintura, desenho e outras técnicas mistas, como a monoprintia e a cologravura. (PHILIPPINI, 2018)

Sobre o papel, Coutinho (2007) ressalta a importância de sua utilização nas oficinas criativas, indicando o uso de diferentes tipos, como os papéis porosos e lisos, permitindo a detecção pelo toque e facilitando a utilização em diferentes técnicas.

Como por exemplo, os mais porosos, são mais indicados para técnicas que demandam outros materiais com quantidade maior de água, como tintas, já os lisos e mais finos, seriam indicados para técnicas secas, como o desenho.



FIGURA 21 - RELEITURA DE OBRA

Para utilizar o papel como suporte na técnica do desenho, podemos utilizar diversos materiais, como por exemplo:

- Lápis de escrever
- Lápis de cor
- Hidrocor
- Giz de cera
- Pastel seco

Alguns tipos de papéis indicados para utilização nas oficinas criativas:

- Sulfite
- Cartolina
- Papel crepom
- Papelão
- Papel de presente
- Papel pardo
- Papel Canson

“Com papel se faz quase tudo: bijuterias, gravuras, desenhos, esculturas, brinquedos, objetos úteis e até mesmo móveis. As possibilidades são infinitas. Você pode trabalhar sobre o papel desenhando, pintando, escrevendo, picotando, dobrando. Ou ainda utilizá-lo como matéria-prima em processos de reaproveitamento e reciclagem. Vale o que sua imaginação criar. São muitas as possibilidades e, para cada uma delas, há uma técnica especial.” (FAJARDO et al., 2002, p.19)

Atividade realizada na disciplina de Gravura ministrada pela prof<sup>a</sup> Dra. Regiane Caire no curso de Licenciatura em Artes Visuais – UFMA no ano de 2017.

A técnica consiste em colar em uma base materiais de diferentes texturas, selar a composição com cola. Após a secagem, cobrir toda a matriz com tinta e em seguida, realizar a impressão que pode ser feita com uma prensa ou uma colher.



FIGURA 22 - COLOGRAVURA

As técnicas de mosaico e assemblagem também se mostram como recursos possíveis nas práticas artísticas das oficinas, pois além de necessitarem de materiais que seriam provavelmente descartados, como fragmentos de tecidos, plásticos, papéis ou cacos, possibilitam que o indivíduo por meio da união destes pequenos pedaços, obtenha uma nova ordem, atribuindo novas funções e significados. (PHILIPPINI, 2018)



FIGURA 23 - MANDALA EM E.V.A

Além de permitir-nos o aproveitamento de materiais que poderiam ser descartados, pela colagem o aluno pode desenvolver funções como a organização espacial e dependendo da faixa etária, o recorte também favorece a motricidade. Em alguns casos, é interessante deixar à disposição imagens e elementos cortados previamente, no caso de crianças muito pequenas. (COUTINHO, 2007)

O trabalho com colagens e assemblagem pode oferecer uma grande variedade de materiais, como por exemplo:

- Papéis diversos
- Recortes de revistas ou jornais
- Retalhos de tecidos
- Tampinhas
- Sementes
- E.V.A
- Rolhas
- Sucatas plásticas



FIGURA 24 - ASSEMBLAGEM COM MATERIAIS ORGÂNICOS

Ainda trabalhando com as colagens, Philipinni (2018) nos traz também a utilização da fotografia dentro do espaço de oficina criativa. A utilização desse recurso possibilita a apreensão de dados biográficos e a recuperação de memórias, revisitando emoções e momentos significativos, interferindo artisticamente com a utilização de materiais diversos, intercalando e recombinando elementos que atribuam sentido às memórias.



FIGURA 25 - FOTOCOLAGEM "BORBOLETA" (2021)

“A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” (POLLAK, 1992, p.4)

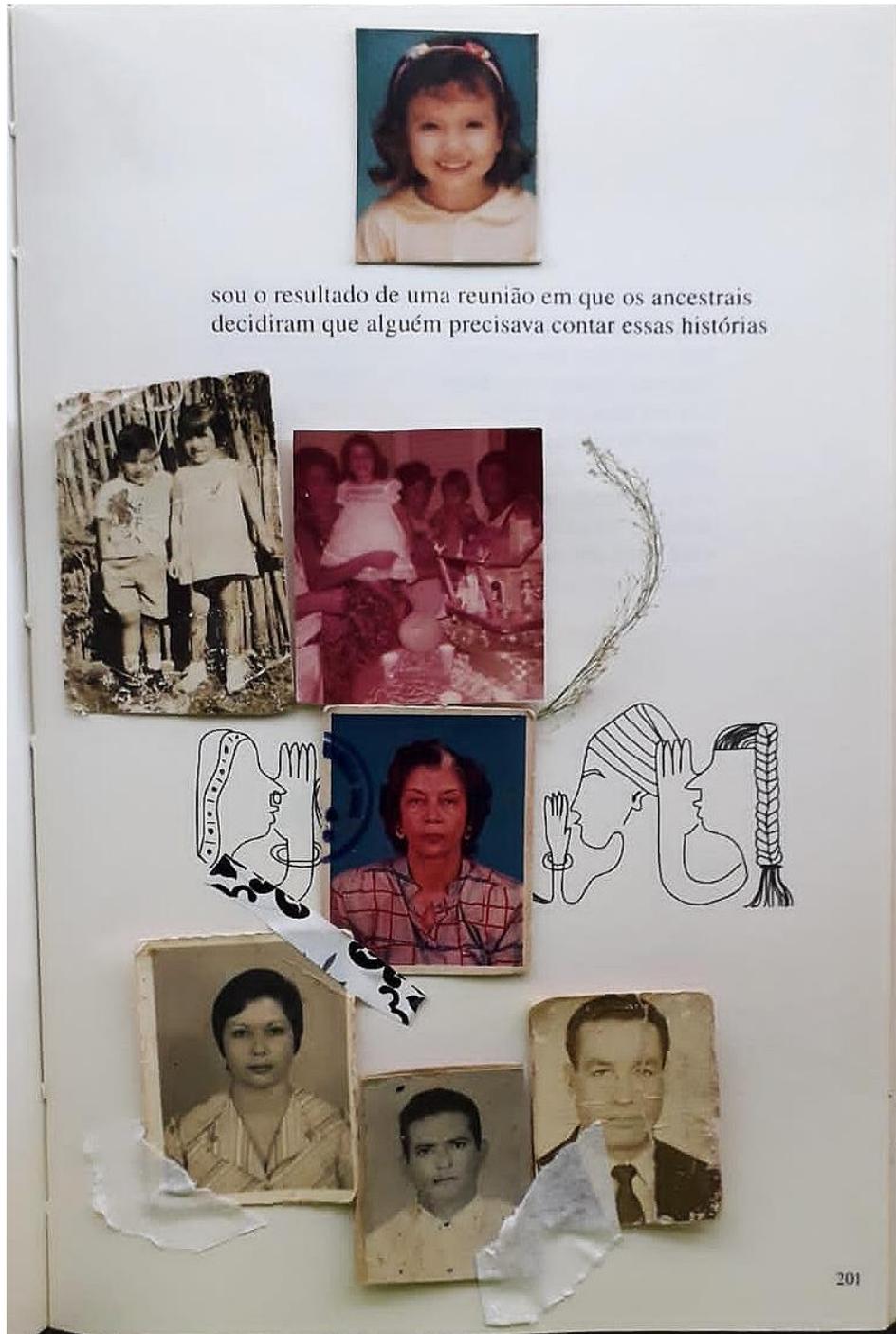


FIGURA 26 - FOTOCOLAGEM "LINHA DA VIDA" (2021)

Dessa maneira, a fotografia abrange diversos aspectos que possibilitam a função pedagógica e terapêutica, como: o resgate de memórias afetivas, a observação e apreciação estética, autopercepção de si e seu entorno, restauração no percurso biográfico, percepção da autoimagem, além de ser ponte para outras linguagens plásticas como a pintura e a colagem. (PHILIPINNI, 2018)



FIGURA 27 - FOTOCOLAGEM "VÓ" (2021)

Fotocolagem realizada a partir de fotografias antigas de momentos com minha avó, que faleceu durante o desenvolvimento deste trabalho, unindo com elementos que relacionei com sua essência e personalidade.

Tal atividade suscitou em mim inúmeros sentimentos e emoções, resgatando a memória afetiva da infância e trazendo à tona a dor da ausência ressignificada em arte.

"A origem da palavra fotografia (foto=luz+ grafia=escrita) remete-nos a um campo simbólico em que algo fica registrado pela influência da luz. Retomar e observar fotografias é beneficiar-se desta "escrita luminosa" que fornece pistas e dados "sobre o ontem, no hoje", permitindo que tantos instantes fulgazes deste "já, que já não é mais", sejam revisitados e compreendidos. Neste sentido, a fotografia como tantos outros recursos artísticos, criativos e expressivos." (PHILIPINNI, 2018, p.33)

Ainda utilizando a fotografia, a construção de personagens por meio de acessórios e elementos de caracterização como penteados ou maquiagens, podem ser utilizados como recurso, utilizando também adereços e peças feitas de maneira artesanal dentro das próprias oficinas, construindo cenários e propondo ensaios fotográficos ou encenações. (PHILIPINNI, 2018)



Caracterização infantil com acessórios e elementos feitos de modo artesanal.

Construção de cenário junino e personagem (Luiz Gonzaga)

FIGURA 28 - CRIAÇÃO DE PERSONAGENS (IMAGEM AUTORIZADA)



FIGURA 29 - CRIAÇÃO DE PERSONAGENS (IMAGEM AUTORIZADA)

Outra técnica que também se apresenta como uma possibilidade é a modelagem, utilizando materiais como a massa de modelar, a argila e o papel machê, dos quais agregam valor de forma e volume, ampliando o repertório do fazer artístico para a tridimensionalidade, que também pode ser obtida ao realizar atividades de construção, como instalações e maquetes, utilizando materiais diversos de baixo custo, como sucatas. Estas linguagens estimulam a atividade de adicionar uma coisa à outra, compondo e integrando elementos. (PHILIPPINI, 2018)



FIGURA 30 – MODELAGEM



FIGURA 31 - MODELAGEM

Muito comumente utilizada em práticas educacionais e artísticas, a tinta também se apresenta como um material interessante a ser utilizado com os alunos, pois devido a sua fluidez, o manuseio com este material pode promover a liberação de afetos e emoções. (COUTINHO, 2007)

Existem diversos tipos de tintas a serem trabalhadas, por exemplo:

- Tinta guache
- Tinta Acrílica
- Têmpera
- Aquarela
- Tintas caseiras



FIGURA 32 - UTILIZAÇÃO DE TINTAS



FIGURA 33 - CRIAÇÃO DE MANDALAS

A utilização de fantoches dentro dos ambientes de oficina criativa, principalmente com crianças, se mostra como eficiente por provocar que venha à tona traços da personalidade do indivíduo, podendo dessa maneira, promover a comunicação entre o aluno e o professor e também entre os alunos, tornando uma atividade rica e repleta de significados, além de ser uma atividade em que os alunos facilmente se inserem e executam com prazer. (COUTINHO, 2007)



FIGURA 34 – FANTOCHES (IMAGEM AUTORIZADA)

Para a construção dos fantoches, podem ser utilizados diversos materiais, como:

- As próprias mãos
- Rolos de papel
- Luvas
- Meias
- E.V.A
- Lã
- Bolinhas de isopor
- Palitos (de picolé ou churrasco)
- Tecidos

Além destes materiais, técnicas e linguagens abordados por Philippini (2018) e Coutinho (2007), há ainda outras possibilidades artísticas no ateliê criativo, como a land art, utilizando materiais e recursos naturais, como pedras, galhos, folhas, sementes etc; a escrita criativa, a criação de máscaras, utilização de sons, recursos audiovisuais, práticas teatrais e tantas outras incontáveis possibilidades.

Por fim, tendo o aluno todos esses suportes necessários para a construção de imagens, estas serão carregadas de símbolos e significados, dos quais podem transmitir mensagens que, se bem compreendidas, podem abrir espaço para a transformação pessoal e resolução de conflitos internos que possam desequilibrá-lo. É importante estar atento às formas, cores, qualquer mínimo detalhe, para que sempre que possível, o aluno possa explicitar o que cada elemento representa para ele. Assim, o professor deve unir estes símbolos como uma espécie de quebra-cabeça, a fim de compreender seu aluno da melhor maneira, proporcionando a ele recursos, conteúdos e materiais que mais se adequem às suas facilidades, dificuldades, preferências e limitações. (COUTINHO, 2007)



FIGURA 35 - COLAGEM COM GRÃOS

“Ao pintar, desenhar, modelar, a criança se encontra diante de múltiplas possibilidades criativas, explorando os materiais, o que se constitui em uma atividade enriquecedora, que combina e aguça todos os sentidos. Não há necessidade de “ensinar” a criança. Ela deverá ter tempo para entrar em contato com o material, experimentar, tentar, ousar, vivenciar.” (COUTINHO, 2007, p. 62)

Portanto, o papel do arte/educador em sala de aula ao utilizar as oficinas expressivas como uma das etapas de sua abordagem de ensino, é de provocar mudanças nos âmbitos sensíveis, afetivos, cognitivos, motores e criativos, a fim de promover a experimentação de diversos recursos, materiais e técnicas, com o intuito de ampliar seu repertório artístico e estético, de modo a trabalhar também seus processos interiores como sentimentos e emoções, bem como proporcionar uma metodologia que envolva o aluno nas atividades propostas, para que desse modo, sejam capazes de absorver a arte em todas as suas potencialidades transformadoras. (DIEFENTHÄLER, 2018 p. 228)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões motivadoras que deram origem à presente pesquisa tiveram início durante as aulas de Processos criativos na Educação, dentro do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Maranhão, onde pude ter meu primeiro contato com tais abordagens e práticas, das quais foram de grande valor para meu desenvolvimento pessoal, emocional e profissional, onde pude perceber a arte como uma forma de expressão interior e ferramenta de transformação, trazendo clareza de ideias e suscitando emoções, sentimentos e memórias a partir das diferentes técnicas e linguagens, como também o estímulo criativo no encontro com os materiais.

Desde então, a arte para mim foi ressignificada, tendo um sentido ainda mais amplo, sendo um caminho possível a ser percorrido para o encontro de si mesmo, provocar desbloqueios criativos e auxiliar processos internos a níveis sensíveis e emocionais.

Tais concepções se reafirmaram a partir da experiência de estágio extracurricular que tive no ano de 2018 em um centro de acompanhamento pedagógico e comportamental onde utilizei práticas de arte como recurso pedagógico e terapêutico com alunos em diferentes tipos de deficiência, como TEA e Síndrome de Down e também alunos com transtornos como TDAH.

Ao utilizar estas abordagens pude constatar o progresso dos alunos a partir de suas práticas ao longo do tempo. A familiarização com os materiais e linguagens puderam auxiliar alguns alunos com dificuldades motoras, promovendo grandes progressos no processo de alfabetização, reconhecimento de formas e cores e também promovendo a melhora da autoestima e autonomia por perceberem suas capacidades criadoras.

Em outros casos, tratando-se de alunos menos verbais e muito introspectivos, a arte como expressão pôde ser um veículo para a abertura de vínculos, a apreensão de situações, sentimentos e emoções não verbalizadas ou não expostas antes, o que permitiu que dessa maneira o aluno encontrasse um meio para trazer à tona tais questões internas das quais não se sentia à vontade para falar.

Sendo assim, esta pesquisa originou-se por meio de estudos unidos às experiências sob diferentes olhares dentro do âmbito educacional: ora aluna, ora educadora, e em ambas a arte se mostrou como um recurso sensível, prazeroso e eficaz para acessar e trazer à tona o que há no mais profundo de nós, ressignificando dores, angústias, medos e inseguranças em expressões artísticas singulares.

A partir dos expostos, é possível observar que a arte possui por si só uma função criadora e transformadora, pois possibilita o contato com diferentes recursos, linguagens e materiais, de modo a acrescentar ao mundo coisas novas, a partir dos repertórios artísticos e culturais

contidos no inconsciente unidos e recombinaados com elementos presentes em nossas vidas cotidianas, conforme fez Van Gogh, que utilizou sua arte como forma de expressão de suas emoções e processos conflitantes.

Entretanto, para que tais processos possam vir à tona e saírem da esfera inconsciente, é necessário oferecer suportes que possibilitem que o indivíduo se expresse e se manifeste por meio das diferentes linguagens artísticas.

Desse modo, é imprescindível que o arte/educador proporcione abordagens e metodologias que sejam eficazes e que contemplem todas as formas de fruição artística, promovendo a apreensão teórica dos conteúdos artísticos, a contemplação, a apreciação e também os processos de criação e criatividade.

Portanto, a utilização da arte como recurso pedagógico e terapêutico dentro dos ambientes educacionais podem promover a melhoria da saúde mental e emocional dos alunos por meio de suas práticas com diferentes formas de expressão, sendo a linguagem simbólica um caminho a ser percorrido para identificar possíveis problemas internos não externados verbalmente, como os abusos, a depressão, o bullying e a ansiedade.

Dada a amplitude dos conteúdos que transpassam a temática norteadora desta pesquisa, ainda que a mesma tenha chegado ao fim, as investigações na área não se findaram.

Embora ainda tenha muito a ser apreendido e analisado acerca do assunto, é esperado que tais contribuições possam servir de apoio para profissionais, estudantes e pesquisadores na área da arte como recurso pedagógico e terapêutico, unindo e agregando às suas práticas educacionais, de modo a proporcionar um ensino de artes de qualidade, que envolva além dos ensinamentos teóricos, a sensibilidade e a criatividade, respeitando as subjetividades e particularidades de cada um.

Por fim, a partir de tais estudos, experiências e investigações, é possível concluir que a arte se mostra como eficaz em todos os processos de desenvolvimento do ser humano em diversas etapas de sua vida, promovendo melhorias nos processos de auto estima, autoconhecimento, senso crítico e estético, cognição, intelecto, e também no âmbito sociocultural. Sendo assim, por meio da arte o indivíduo é capaz de se desenvolver integralmente, abrangendo todas as esferas da experiência humana.

**REFERÊNCIAS:**

- ARIETI, Silvano. **Creativity: the magic synthesis**. Nova York: Basic Books, 1996
- ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e Intelecto na arte**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989
- ARTAUD, Antonin. **Van Gogh: O suicidado pela sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2002
- BARBOSA, Ana M.Tavares Bastos. **A imagem no ensino de arte: Anos 1990 e novos tempos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020
- \_\_\_\_\_. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020
- BAXANDALL, Michael. **O olhar Renascente: Pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991
- BREDARIOLLI, Rita L. Berti. **Metodologias para ensino e aprendizagem de arte**. São Paulo: Rede São Paulo de Formação docente SEESP, 20212
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Editora Cortez, 2003
- CASALLA, Lorela. **Quem é criativo levanta a mão**. Rio de Janeiro: Editora Chiado, 2015
- CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia – Vol. 62**. São Paulo: Editora Summus, 2004
- \_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte – Vol. 63**. São Paulo: Editora Summus, 2004
- \_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde – Vol. 64**. São Paulo: Editora Summus, 2005
- CHAUÍ, Marilena. **O Universo das Artes**. In: Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1995
- COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007
- CRUVINEL, Mirian; BORUCHOVITCH, Evely. **Compreendendo a depressão infantil**. São Paulo: Editora Vozes, 2014
- DIEFENTHÄLER, Daniela da R. Linck. **Arte, Imaginação e Crianças**. Curitiba-PR: Editora Appris, 2017
- FAJARDO, Elias [org.]. **Papéis e Panos – Oficina de Artesanato**. Rio de Janeiro, Ed. SENAC, 2002
- FERNANDES, Vera L. Penzo. **A criatividade no ensino das Artes Visuais**. São Paulo: Editora Appris, 2016
- FERREIRA, Aurora. **Arte, escola e inclusão: Atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos**. São Paulo: Editora Vozes, 2012
- FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004
- FREITAS, Guilherme. **Pinturas e pensamentos de Munch**. São Paulo: Editora 101 Seleções, 2019
- FREITAS, Walkíria de A. Reis. **Arteterapia em consultório**. São Paulo: Editora Clube de Autores, 2020
- FORTE, Marcelo. **Frida Kahlo, Qorpo-Santo, Bispo do Rosário e Yayoi Kusama: A arte nos processos de saúde mental**. Revista Educação, Artes e Inclusão – Vol.15 nº2, 2020. Disponível em <<https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/14047>> Acesso em: 13/08/2021
- FUSARI, M<sup>a</sup> F. de Rezende; FERRAZ, M<sup>a</sup> Heloísa C de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2001
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da Obra de Arte**. Rio de Janeiro: Editora Edições 70 – Almedina, 2010
- HEINEMANN, Fritz. **A Filosofia no século XX**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993
- HUISMAN, Denis. **Psicologia da arte**. In: Estética. Lisboa: Editora Edições 70, 1997
- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003
- \_\_\_\_\_. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013
- JUNG, C. G. **A Natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012
- \_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012
- \_\_\_\_\_. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012
- \_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012
- \_\_\_\_\_. **O Homem e seus Símbolos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012
- \_\_\_\_\_. **O essencial da Psicologia**. São Paulo: Editora Hunter Books, 2016
- KASTRUP, Virgínia. **Flutuações da atenção no processo de criação**. São Paulo, Ed. Autêntica, 2007
- KNELLER, George F. **Arte: Ciência da criatividade**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1986
- KUSAMA, Yayoi. **Entrevista com Jed Jalkut**, Nova York: The New York Free Press & West Side News, 1968
- LANZ, Rudolf. **Noções básicas de Antroposofia**. São Paulo: Antroposófica, 1997
- LIMA, Ana. **Educação e Arte**. São Paulo: Editora Clube de Autores, 2019
- MARQUES, Isabel A.; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. São Paulo: Editora Cortez, 2016
- MONTEIRO, Dulcinéa da M. Ribeiro (org.); RAMOS, Aliucha J. Dias [et al.]. **Arteterapia: Arquétipos e símbolos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009
- MUNCH, Edvard. **Arte e Natureza**. In: CHIPPI, H.B. Teorias na Arte Moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988

- NAVES, Rodrigo. **Van Gogh: A salvação pela pintura**. São Paulo: Editora Todavia Livros, 2021
- O' CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **O Grande Livro dos signos e símbolos, VOL II**. São Paulo: Editora Escala, 2010
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991
- PHILIPPINI, Ângela. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: Uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2018
- PILLAR, Analice Dutra (org.) [et al.]. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999
- REIS, Alice C. **Arteterapia: A arte como instrumento no trabalho do psicólogo**. Santa Catarina: CESUSC, 2014
- SAVIANI, Iraci (coord.). **Ateliê terapêutico – limites e alcances. Arte-Terapia: Reflexões**. São Paulo, Depto. de Arteterapia, Instituto Sedes Sapientiae, 1998
- SILVEIRA, Nise. **O Mundo das Imagens**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2001
- \_\_\_\_\_. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1981
- SMITH, Philip L.; MORRIS, Frances. **Yayoi Kusama: Obsessão Infinita**. Instituto Tomie Othake, 2013
- STEINER, Rudolf. **O estudo geral do homem: Uma base para a pedagogia**. São Paulo: Antroposófica, 2015.
- VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Rio de Janeiro: Editora L&M Pocket, 2002
- VERAS, Ingrid Almeida. **A criatividade como condição de ser humano**. Porto Alegre: Revista Filosofia Capital, Vol. 4 Ed.8, 2009. Disponível em <<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/download/91/67>> Acesso em: 13/08/2021
- VYGOTSKY, Lev. **A imaginação e a arte na infância**. México: Editora Hispánicas, 1987
- ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012

## ANEXO – PLANO DE CURSO



Universidade Federal do Maranhão - Ufma

Centro de Ciências Humanas - CCH

Departamento de Artes

Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Mariana do Espírito Santo Robson

### PLANO DE CURSO – OFICINAS CRIATIVAS

**TEMA:** ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO POR MEIO DE OFICINAS CRIATIVAS

**TÍTULO:** ARTE/EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO: OFICINAS CRIATIVAS PEDAGÓGICAS E TERAPÊUTICAS

**CARGA HORÁRIA TOTAL:** 12h divididas em seis aulas (2h por aula)

**PÚBLICO DESTINADO:** Alunos do Ensino Fundamental (4º ano) – Crianças de 9-10 anos

**EMENTA:** Abordar conteúdos relacionados à história da arte, contextualizando-os e promovendo a percepção estética e sensível por meio das obras, artistas, aulas teóricas e diferentes técnicas apresentadas; utilizar abordagens pedagógicas que envolvam o fazer artístico e o emocional, de maneira educativa e terapêutica.

#### OBJETIVOS:

- **Gerais:** Apresentar diferentes artistas e suas técnicas, contextualizando suas obras e o contexto histórico em que estão inseridos, possibilitando a compreensão das produções dos artistas trabalhados por meio de aulas expositivas com apresentação de suas obras e técnicas. O curso também tem como objetivo promover a expansão dos conhecimentos e habilidades por meio das diferentes técnicas utilizadas nas oficinas de maneira a desenvolver os processos de criação e criatividade, promovendo também o autoconhecimento, a liberação de emoções e sentimentos por meio do fazer artístico.

**- Específicos:**

- Apreender conteúdos de História da arte a partir de aulas teóricas e expositivas
- Conhecer diferentes artistas e suas obras por meio de imagens
- Exercitar o olhar para a leitura de imagem
- Estimular a percepção visual e tátil, explorando diferentes formas e texturas na arte;
- Conhecer e experimentar diferentes tipos de materiais e técnicas artísticas;
- Possibilitar a liberdade nos processos de criação, sem parâmetros estéticos a serem seguidos
- Analisar as criações de forma a observar os elementos isolados, fazendo uma leitura simbólica e oferecer estímulos para que o aluno possa falar (dentro de suas possibilidades) sobre as relações dos elementos criados e os significados que atribui a cada um deles;
- Estimular a interatividade, a contextualização e socialização sobre o trabalho individual e coletivo;

**METODOLOGIA:**

A metodologia utilizada no curso será a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que consiste em três etapas, sendo elas: ver, fazer e contextualizar. Desse modo, as aulas serão divididas em três momentos, consistindo no primeiro, com aulas teóricas e expositivas, abordando conteúdos relacionados à História da Arte, utilizando sempre que possível a demonstração de obras e artistas por meio de imagens impressas ou slides, de acordo com os suportes oferecidos pela instituição de ensino.

No segundo momento, serão propostas as atividades de oficina criativa, sempre relacionando aos conteúdos abordados no primeiro momento, com demonstração de técnicas com passo a passo. Serão também disponibilizados diferentes tipos de materiais, de modo a promover a exploração e identificação com suportes diversos.

Já no terceiro momento, será proposta uma socialização sobre suas produções, de maneira livre, estimulando que os alunos possam comentar sobre seus próprios trabalhos e de seus colegas, de modo a identificar elementos, falar sobre o que sentiram ao realizar e qual tipo de relação estabeleceram com seus resultados finais, de modo a ampliar seus horizontes acerca de si e do mundo, promovendo a interação, a sensibilidade, liberdade e a comunicação, tornando a prática artística e criativa um meio de liberar possíveis tensões, sentimentos e emoções.

**AVALIAÇÃO:**

A avaliação ocorrerá de modo processual, devendo acontecer em todos os momentos do desenvolvimento do curso. Serão considerados para fins de compreensão sobre o aprender dos alunos: a participação nas aulas, a compreensão dos conteúdos abordados, o envolvimento nos trabalhos propostos, a capacidade de organização de seus materiais e suas produções, a interação e a socialização com os diferentes tipos de materiais, a relação estabelecida com seus colegas e a assiduidade nas aulas.

## CRONOGRAMA DE AULAS

### AULA 1

- **Conteúdo da aula:** Pré- História: Arte Rupestre
- **Atividade proposta:** Construção de mural fazendo referência à arte rupestre utilizando técnicas de livre escolha, como pintura com as mãos ou com pincéis, desenho à lápis, desenho com carvão ou giz de cera.
- **Material:** Imagens de artes rupestres para demonstração; cartolina ou papel pardo; fita crepe; carvão, lápis de cor, lápis de escrever, tinta guache, giz de cera

#### - Método:

- Aula expositiva, explicando e contextualizando o período da pré-história e as formas de expressão do período por meio das artes rupestres, unindo seu contexto histórico e cultural, demonstrando exemplos por meio de imagens; Durante a explanação dos conteúdos abordados, serão feitas perguntas aos alunos sobre o que veem, o que sentem, quais impressões e sentimentos as imagens os causam, de modo a envolvê-los também nesse primeiro momento.
- Propor a criação de um mural na parede da sala de aula, tendo como base o papel pardo ou cartolina, a fim de fazer referência às paredes das cavernas, utilizando diversos tipos de materiais como o carvão, o lápis e as tintas de modo livre para que a construção desse mural possa ocorrer de forma livre e simultânea por todos os alunos, proporcionando uma atividade coletiva e colaborativa, onde cada um colocará suas próprias impressões acerca da temática abordada, utilizando os materiais que mais sejam adequados às suas habilidades e gostos individuais. Após a construção do mural, será proposto que os alunos comentem sobre suas contribuições no mural, falando sobre o que os elementos criados representam para eles, no que pensaram ao realizar tais desenhos e quais elementos feitos pelos colegas lhe chamaram mais atenção.

### AULA 2

- **Conteúdo da aula:** Arte grega e romana
- **Atividade proposta:** Criação de objetos ou representações humanas por meio da técnica da modelagem, utilizando como base referências de esculturas demonstradas na aula expositiva
- **Materiais:** Aventais individuais, massa de modelar, argila, massa de farinha, colheres pequenas, palitos de petisco com as pontas cortadas, água e paninhos para a limpeza.
- **Método:** Aula expositiva, abordando a temática da arte grega e romana, mostrando suas características, diferenças e semelhanças, demonstrando por meio de imagens de esculturas feitas no período em questão, trazendo os principais artistas que trabalhavam com a técnica da escultura; Durante a explanação dos conteúdos abordados, serão feitas

perguntas aos alunos sobre o que veem, o que sentem, quais impressões e sentimentos as imagens os causam, de modo a envolvê-los também nesse primeiro momento.

- Será proposta uma atividade individual de modelagem, a partir dos conteúdos abordados e apreendidos na aula expositiva, por meio de diferentes materiais que podem ser utilizados com a técnica, como a massa de modelar, a argila e a massa de farinha. Ao iniciar a oficina, serão demonstrados inicialmente de que forma trabalhar com cada um dos materiais disponíveis. Não serão utilizados parâmetros para a construção dos objetos ou imagens, podendo o aluno utilizar como base alguma obra vista na aula ou manifestar-se livremente por meio de sua criatividade. Após as produções, serão propostos diálogos acerca de suas criações, estimulando que os alunos possam falar sobre o que criaram, o que os elementos contidos significam para eles e também exercitando o olhar crítico ao observar as produções dos colegas, identificando elementos e possíveis referências.

### AULA 3

- **Conteúdo da aula:** Renascimento
- **Atividade proposta:** Releitura de obras de arte renascentistas
- **Materiais:** Lápis de escrever, lápis de cor, tinta guache, pincéis, papéis picados, cola, massa de modelar e papel sulfite.
- **Método:** Aula expositiva, abordando o conteúdo acerca do Renascimento e quais suas principais características históricas e socioculturais, para que seja possível compreender o contexto em que o período está inserido. Para nortear os repertórios artísticos do período em questão, serão trazidos diferentes artistas e obras para demonstrar suas características visuais e estéticas, analisando detalhes de elementos contidos nas obras. Durante a explanação dos conteúdos abordados, serão feitas perguntas aos alunos sobre o que veem, o que sentem, quais impressões e sentimentos as imagens os causam, de modo a envolvê-los também nesse primeiro momento.
- A atividade proposta será individual, de modo a permitir que a partir dos repertórios culturais e artísticos apreendidos na aula expositiva, o aluno possa utilizar como referência uma obra renascentista à sua escolha para realizar uma releitura. Para que a atividade possa acontecer, serão demonstradas algumas releituras de obras famosas, como por exemplo, a Mona Lisa. Desse modo, os alunos poderão utilizar técnicas diversas e mistas, explorando diferentes tipos de materiais, de forma a se identificar com as linguagens que mais contemplem seus processos de criação. Após as produções, serão propostos diálogos acerca de suas criações, estimulando que os alunos possam falar sobre o que criaram, o que os elementos contidos significam para eles e também exercitando o olhar crítico ao observar as produções dos colegas, identificando elementos e possíveis referências.

#### AULA 4

- **Conteúdo da aula:** Impressionismo e Pós-Impressionismo
- **Atividade proposta:** Pintura no estilo impressionista
- **Materiais:** Avental individual, papel sulfite A4, lápis de escrever, lápis de cor, tinta guache, tinta acrílica, pincéis, potinhos para armazenar água e paninhos para limpeza.
- **Método:** A aula será expositiva, abordando os conteúdos que abrangem os movimentos Impressionista e pós-impressionista, contextualizando mostrando os principais artistas que fizeram parte do movimento e suas obras, de modo a identificar as características marcantes do modo de pintar, uso das cores e formas. Durante a explanação dos conteúdos abordados, serão feitas perguntas aos alunos sobre o que veem, o que sentem, quais impressões e sentimentos as imagens os causam, de modo a envolvê-los também nesse primeiro momento.
- A proposta de atividade será de modo individual, estimulando a criação de imagens tendo como base a referência do estilo impressionista e pós-impressionista, oferecendo materiais variados de pintura, deixando livre a escolha do aluno com o material que mais sinta afinidade, podendo também utilizar mais de um tipo, realizando uma técnica mista. Após as produções, serão propostos diálogos acerca de suas criações, estimulando que os alunos possam falar sobre o que criaram, o que os elementos contidos significam para eles e também exercitando o olhar crítico ao observar as produções dos colegas, identificando elementos e possíveis referências.

#### AULA 5

- **Conteúdo da aula:** Modernismo e Assemblagem
- **Atividade proposta:** Assemblagem utilizando materiais diversos
- **Materiais:** Papel sulfite, cola, papelão, materiais diversos (tampinhas de garrafa, garrafas pet, pedaços de plástico, retalhos de tecido, papéis picados, E.V.A etc) e também materiais orgânicos, como folhas secas, galhos, sementes e grãos.
- **Método:** A aula será expositiva, de modo a abordar os conteúdos acerca do Modernismo, situando o movimento no contexto histórico e sociocultural, demonstrando os principais artistas e suas obras, priorizando as pinturas e as técnicas desenvolvidas no movimento como a assemblagem, identificando suas características e modo de produção por meio de imagens. Durante a explanação dos conteúdos abordados, serão feitas perguntas aos alunos sobre o que veem, o que sentem, quais impressões e sentimentos as imagens os causam, de modo a envolvê-los também nesse primeiro momento.
- A atividade proposta será individual por meio da técnica da assemblagem. Antes do início da oficina a técnica será demonstrada passo a passo e também imagens de outras obras. O aluno terá uma liberdade ainda maior em relação a escolha dos materiais, podendo reunir e recombina-los de diferentes maneiras, de modo a criar algo novo, ressignificando materiais que possivelmente seriam descartados. Após as produções, serão propostos diálogos acerca de suas criações, estimulando que os alunos possam falar sobre o que criaram, o que os elementos contidos significam para eles e também

exercitando o olhar crítico ao observar as produções dos colegas, identificando elementos e possíveis referências.

## AULA 6

- **Conteúdo da aula:** Arte contemporânea
- **Atividade proposta:** Criação de instalação coletiva
- **Materiais:** Materiais diversos como folhas de isopor, cartolinas, tinta guache e acrílica, pincéis, papel celofane, plástico bolha, tecidos coloridos, barbante e tesoura sem ponta.
- **Método:** A aula será expositiva, de modo abordar a questão da arte contemporânea, demonstrando sua diversidade de técnicas, como a performance, a land art, e as instalações, promovendo o conhecimento e expansão cultural por meio de diferentes linguagens artísticas. Durante a explanação dos conteúdos abordados, serão feitas perguntas aos alunos sobre o que veem, o que sentem, quais impressões e sentimentos as imagens os causam, de modo a envolvê-los também nesse primeiro momento.
- Será proposta a criação de uma instalação coletiva, de modo a definir juntos a temática a ser utilizada. A instalação deverá ser executada em algum espaço da sala ou da instituição de ensino, de modo a relacionar-se com o espaço de maneira expositiva. A obra deverá ficar em exposição por um período de três a cinco dias, convidando os pais e responsáveis a fazerem visita e registros fotográficos. Após a realização do trabalho e assim, finalizando o curso, será proposta uma roda de conversa para diálogo sobre as experiências individuais e coletivas, quais suas impressões e de que forma o curso os agregou de diferentes formas, a fim de envolvê-los neste último encontro, encerrando o processo de modo a compreender os sentidos educacionais, sociais e afetivos dos alunos.

## REFERÊNCIAS:

- BALZI, JUAN J. **O Impressionismo**. São Paulo: Nova Alexandria, 2019
- BARBOSA, Ana M.Tavares Bastos. **A imagem no ensino de arte: Anos 1990 e novos tempos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020
- \_\_\_\_\_. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020
- BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena História da Arte**. São Paulo: Editora Papirus, 2020
- BREDARIOLLI, Rita L. Berti. **Metodologias para ensino e aprendizagem de arte**. São Paulo: Rede São Paulo de Formação docente SEESP, 2012
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Editora Cortez, 2003
- CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia – Vol. 62**. São Paulo: Editora Summus, 2004

\_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte** – Vol. 63. São Paulo: Editora Summus, 2004

\_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde** – Vol. 64. São Paulo: Editora Summus, 2005

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007

DIEFENTHÄLER, Daniela da R. Linck. **Arte, Imaginação e Crianças**. Curitiba-PR: Editora Appris, 2017

FERNANDES, Vera L. Penzo. **A criatividade no ensino das Artes Visuais**. São Paulo: Editora Appris, 2016

FERREIRA, Aurora. **Arte, escola e inclusão: Atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos**. São Paulo: Editora Vozes, 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004

GOMBRICH, E.H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003

\_\_\_\_\_. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013

LIMA, Ana. **Educação e Arte**. São Paulo: Clube dos autores, 2019

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987

PHILIPPINI, Ângela. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: Uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2018

PILLAR, Analice Dutra (org.) [et al]. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999

VIGOTSKY, Lev. **A imaginação e a arte na infância**. México: Editora Hispánicas, 1987

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012